



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CAMPUS ERECHIM

CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

LEANDRO PLETSCH

RESISTÊNCIA E CONSCIÊNCIA NA PONTA DA CHUTEIRA

**FUTEBOL E DITADURA NAS PÁGINAS DA PLACAR NO PERÍODO DE 1982 A
1984**

Erechim

2017

LEANDRO PLETSCH

RESISTÊNCIA E CONSCIÊNCIA NA PONTA DA CHUTEIRA
FUTEBOL E DITADURA NAS PÁGINAS DA PLACAR NO PERÍODO DE 1982 A
1984

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para a obtenção de grau de licenciado em História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Ms. Miguel Enrique Stédile

Erechim

2017

PEGAR FICHA NOVA

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Pletsch, Leandro
RESISTÊNCIA E CONSCIÊNCIA NA PONTA DA CHUTEIRA:
FUTEBOL E DITADURA NAS PÁGINAS DA PLACAR NO PERÍODO DE
1982 A 1984/ Leandro Pletsch. -- 2017.
69 f.

Orientador: Miguel Enrique Stédile.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em História , Erechim, RS , 2017.

1. Democratização. 2. Futebol e ditadura. 3. Diretas
já. 4. Democracia corintiana. I. Stédile, Miguel
Enrique, orient. II. Universidade Federal da Fronteira
Sul. III. Título.

LEANDRO PLETSCH

"RESISTÊNCIA E CONSCIÊNCIA NA PONTA DA CHUTEIRA,
FUTEBOL E DITADURA NAS PÁGINAS DA PLACAR NO PERÍODO DE 1982 À 1984"

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em História da Universidade Federal da Fronteira Sul

Orientador: Prof. Miguel Enrique Almeida Stédile

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 25/03/2017.

Banca examinadora:



Prof. Miguel Enrique Almeida Stédile



Prof. Gerson Wasen Fraga



Prof. Manoel Dourado Bastos

Dedico esta monografia as pessoas que para mim são e tem muita importância e puderam me ajudar em muito com meu trabalho de conclusão de curso, primeiramente a família, minha mãe Marli Terezinha Pletsch, meu pai Lirio Pletsch, e minha irmã Erica Maria Pletsch, que no decorrer deste curso me apoiaram e contribuíram com este processo de formação. Estes através de árduas marcas e tantos toques de consciência puderam me mostrar outros campos de luta.

AGRADECIMENTOS

No fim de mais uma caminhada, mais um trabalho concluído, não se pode deixar de notar que para que aqui pudesse ter chegado tive ao meu lado pessoas que foram capazes de manter em pé e me fortalecer, nas faltas da vida. Neste jogo da vida, muitos toques foram dados, passes para o futuro, num trabalho que teve em campo a participação de um coletivo maior, uma instituição que me acolheu.

Agradecer em primeiro lugar e em especial, à pessoa do Educador e Mestre Miguel Enrique Stédile, que me guiou neste processo de decisões e pode assim insinuar os rumos e me ajudar a se aprofundar no tema ao qual devia me basear, para além disso, pela grata amizade, pela sinceridade e pela disposição.

Relembrar aos colegas Antonio Kanova Junior, aos camaradas de turma, que também me auxiliaram e acompanharam no decorrer deste trabalho, pois além de auxílio, contribuíram para um maior entendimento sobre o tema.

Aos educadores e educadoras da Universidade Federal da Fronteira Sul, que perpassaram também em meu processo, também aqueles aos quais nos auxiliaram distante e a própria instituição que é a Universidade.

Em especial também ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra e ao Instituto de Educação Josué de Castro, e a todos que nele contribuem, por terem me acolhido, e estarem contribuindo também em meu processo de formação enquanto ser humano, por me darem a oportunidade em cursar algo tão especial. Aqui fica meus sinceros e ínfimos agradecimentos.

RESUMO

O objeto deste trabalho é a relação entre o futebol e a abertura política nos anos entre 1982 e 1984. Onde se procura aferir se os jogadores de futebol têm alguma influência sobre o processo de democratização da política brasileira. O estudo estará embasado sobre a análise de revistas, mais especificamente nos exemplares da Placar. O período ditatorial no país vinha passando por um período de crise já há alguns anos e isso vinha se impondo sobre a nação. O futebol, também vinha se mantendo de forma conservadora, sem dar muita liberdade a seus atletas. Os profissionais ligados ao futebol, principalmente um grupo de atletas, não tinham tanta consciência de classe. O futebol também foi utilizado como uma ferramenta publicitária pelo governo, valendo-se de uma dinâmica de distração. Ao passo que alguns atletas como Sócrates, Wladimir, Casagrande e Adílson, se põem a expressar a luta política, com a chamada "Democracia Corinthiana", visando a (re) democratização não só nos clubes, mas também se inserem na luta pelas "Diretas Já", participando juntamente da sociedade brasileira.

Palavras-chave: Futebol. Ditadura. Democratização. Democracia Corinthiana. Diretas já.

RESUMEN

El objeto de este trabajo es la relación entre el fútbol y la apertura política en los años entre 1982 y 1984. Donde se busca evaluar si los jugadores de fútbol tienen alguna influencia sobre el proceso de democratización de la política brasileña. El estudio se basará en el análisis de revistas, más específicamente en los ejemplares de Placar. El período dictatorial en el país venía pasando por un período de crisis desde hace algunos años y eso se venía imponiendo sobre la nación. El fútbol, también venía manteniéndose de forma conservadora, sin dar mucha libertad a sus atletas. Los profesionales ligados al fútbol, principalmente un grupo de atletas, no tenían tanta conciencia de clase. El fútbol también fue utilizado como una herramienta publicitaria por el gobierno, valiéndose de una dinámica de distracción. En el momento en que algunos atletas como Sócrates, Wladimir, Casagrande y Adílson, se ponen a expresar la lucha política, con la llamada "Democracia Corinthiana", visando la (re) democratización no sólo en los clubes, pero también se insertan en la lucha por las "Directas" Ya, participando en la sociedad brasileña.

Palabras clave: Fútbol. Dictadura. Democratización. Democracia Corinthiana. Direcciones ya.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. SUBSTITUIÇÃO FORÇADA: SAI JANGO, ENTRA DITADURA MILITAR .	13
2.1. JOÃO GOULART E O BRASIL (MOMENTOS ANTES DA PARTIDA: (EVENTOS POLÍTICOS GERAIS DE 1950 A 1964)	13
2.2. GOLPE MILITAR DE 1964	16
2.3. MILAGRE ECONÔMICO, ANOS 1970-1974	22
2.4. BOLAS MURCHANDO.....	26
2.5. OS ANOS FINAIS DO REGIME	29
3. PLACAR E A DITADURA	33
3. 1. PLACAR E FUTEBOL	35
4. CONCLUSÃO	60
REFERÊNCIAS	68

1. INTRODUÇÃO

O objetivo do deste trabalho é mostrar que o campo de futebol, seus profissionais, podem e devem participar dos processos de luta social. E a partir daí o estudo baseia-se na análise da Revista Placar, e através das notícias retratar que todos podem participar, para além dos próprios jogadores, mas também buscar entender seus torcedores. Aqui se busca trazer a dialética permeando os meios de pesquisa, ao passo que se busca trazer este outro lado, que por sinal ainda é por muitas pessoas menosprezado, e taxado como não importante ao campo da história de luta, e assim não é tratado com a importância que mereça. Se pensa em trazer a antítese e as possibilidades para explicar as razões que levaram a este estudo.

Sabemos que este esporte tem uma organização própria, porém, muito parecida, senão idênticas as das fábricas fordistas. O trabalho aqui é de profissionais contratados para desempenharem as tarefas, de tal maneira que cada indivíduo tem uma posição de trabalho específico. E a partir dela, a pessoa/profissional vai desempenhando a tarefa num melhor ritmo possível, como trabalha Stédile, quando escreve:

A fixação de normas, assim como a regulamentação de tarefas, a especialização de funções, o trabalho coletivo, a presença de um chefe/gerente (o técnico), a hierarquia, a competição, a busca por produtividade e pela qualificação de resultados aproximam o futebol e o ambiente fabril (STÉDILE, 2015, p. 60)

Para isso vemos que o futebol passa a ter um sistema em si baseado na produção, buscando o desenvolvimento do capital. Para tanto, as hierarquias dos “chefes/treinadores” têm que ser respeitadas, pois existe uma massa de reserva, está ganha menos ou pode nem estar empregada. A partir daí, passa a visar novas oportunidades para entrar em campo, na prancheta de substituição, e isso os faz trabalhar/ jogar como lhes pedem para que o processo saia, numa forma o mais próximo do perfeito, ou, de pé em pé chegando ao produto final, que é o gol, para que não sejam em si deixados à mercê das trocas, ou seja, tem que ser obediente ao processo, para gerar o produto.

O gol é esse produto a ser consumido pelos torcedores-consumidores. Este produto se encaixa naquilo que podemos situar para o futebol, dentro do que poderíamos chamar de uma espécie de “obsolescência programada” dentro do

processo não eletrônico que é o futebol. O gol gera uma euforia, porém, uma euforia que é momentânea, passageira. Portanto, tem-se que buscar produzir muitos jogos, muitos trabalhadores (atletas) para que isso propicie muitos gols/produtos, que alimentam essa eufórica alienação destes sujeitos sociais, e dentro disso buscar identificar os padrões hegemônicos e buscar superá-los. Outro fator importante é que, todo esse processo joga o peso da revolta ou euforia sobre um time, sobre pessoas vinculadas diretamente ao clube, rumando as margens de competição entre as equipes, bem próximas as que se percebe entre os meios de produção fabril.

O governo também participa, neste meio oblíquo, ao passo de concretizar e colaborar na percebida dinâmica do “pão e circo”. Essa dinâmica nada mais é que um meio onde entreter é uma arma considerada menos mortífera, porém, fatal, que não altera a ignorância, apenas ilude-a. E o futebol é um esporte cultural, no Brasil também tem aspecto massivo, e que pode ser utilizado de muitas maneiras, para iludir, competir ou para divertir. O Brasil passava por um processo de constantes controvérsias desde que o futebol desembarcou em nossas terras. O futebol era um esporte que no seu início tinha em seu gene, um processo bastante elitista, retrógrado perante a luta dos direitos, embasado em preconceitos.

O objeto de trabalho para estudo se encontra nas páginas da Revista Placar, que naquele momento, era a maior do Brasil que trazia referências esportivas, principalmente sobre o futebol. É uma revista que teve sua primeira publicação no dia 20 de março de 1970. Tinha periódicos semanais, e era redigida e impressa pela Editora Abril, pertencente ao Grupo Abril.

Este estudo vai trazer uma análise mais focada nos periódicos. Buscando de fato, relacionar o seu trabalho jornalístico que se encontra presente na revista, ligados e vinculados ao campo da Ditadura instaurada em 1964, tentando dizer que através deste esporte, se buscava também a resistência das classes subalternas, que tinham também apoio e participação de clube(s) e atletas para que de tal maneira se apoderassem na luta pela democracia, num período bastante turbulento.

A temporalidade deste trabalho está num período de retomada da agitação popular das massas, que buscavam sair daquela lógica uniforme da repressão e passar para um processo mais aberto e democrático, ao passo que a crise gera consciência e desnaturaliza as coisas que temos como natural, assim aparecem as contradições, e o período propiciava isso, a busca por trazer de volta seus direitos e deveres, numa época que vinha expondo as debilidades em manter o sistema

ditatorial vigente, e desta forma, contribuía na organização maior das massas, da luta, das Diretas Já.

O período estudado, perpassa nos anos de 1982, 1983 e 1984, pelo fato de ser o período ao qual está propício o reascender das lutas de classe, dando maior heterogeneidade ao processo. Este estudo vai a campo visando compreender os meios de luta e resistência daquele período, que só aumentavam em práticas e vozes, e buscavam ainda mais acertar o alvo no que tange aos praticantes do futebol. Busca também dizer que estes profissionais podiam contribuir na luta, ainda mais quando a referência que se tinha era a de políticas repressivas de um governo que era ilegítimo, como o daquele por eles experimentado.

Ao passo que o tema abordado ainda vem sendo descoberto, percebe-se que vai se desmistificando o campo histórico e para isso, se faz necessário entender essas memórias. Pois o futebol é um processo válido e propício para se conhecer também as lutas do povo cansado da dinâmica do “pão e circo”, amarrando-o com à luta presente naquele meio, um meio de práticas culturais cabíveis a todos os campos.

O período ditatorial em que o país vivia vem a ser um marco alcançável a ser estudado, principalmente para a compreensão da luta pela democracia e pela liberdade de expressão, na busca pela não-interrupção estatal, uma busca por “Diretas Já”, em comícios e em campos de futebol. Isso também ajuda a decifrar o porquê dessa pesquisa. Como traz Fraga em seu livro: “O futebol não apenas manifesta, ele também exacerba certas condições psicológicas coletivas” (FRAGA, 2014, p. 256).

O presente trabalho busca especificar e transitar num período escuro e manchado de nossa sociedade. O problema aqui é buscar compreender o que vai sendo tratado e impresso sobre o posicionamento dos jogadores, bem como o comportamento do futebol naquele tempo, dentro das reportagens e artigos da Revista Placar, nos *lócus* de 1982 a 1984, período ao qual o Brasil se encontrava num processo ditatorial.

O futebol, nesta época, tinha grande popularidade no mundo e mais ainda no Brasil. Desta maneira foi utilizado como meio campista na armação de jogadas pró e contra aquele regime, e assim sendo, o que se busca neste trabalho é tentar entender sua ação na resistência contra a opressão, ou seja, mostrando o caminho percorrido, pois para se lutar contra algo, tem-se que entender e exercitar a abstração, estar

presente no campo. Para tanto, como o futebol influenciou aquela sociedade, aqueles jogadores?

Este trabalho está dividido da seguinte maneira, além da introdução, são eles: 2. Substituição forçada: sai Jango, entra ditadura militar; 3. Placar e a ditadura; 4. Conclusão.

No segundo Capítulo, se tem uma breve contextualização da ditadura, aqui se expõe os principais acontecimentos daquele período, desde 1964, momento do golpe, até o final daquele processo ditatorial em 1985, ou seja, perpassa de forma que possa embasar as realidades daquele momento para compreender e embasar os meios de estudo.

Já no terceiro Capítulo, se busca trazer presente as análises das Revistas Placar, dentro dos anos 1982, 1983, e 1984. Aqui a exposição das notícias, trechos de entrevistas, questionamentos, e posicionamentos dos profissionais vinculados ao futebol em ambos os lados. Referindo-se ao processo vivido, busca ver a quantificação, mas também a forma e conotação as quais eram tratados aqueles assuntos de luta, de “democracia corintiana”, e pelas “diretas já”.

E no quarto Capítulo, explanar as conclusões sobre o assunto tratado nas análises das revistas, as quais foram trabalhadas no capítulo anterior. Aqui se encontra o fundo de opiniões e conclusões que se pode alcançar. Visando compreender se o futebol teve participação junto da sociedade e se o futebol foi importante na luta de classes daquele período.

2. SUBSTITUIÇÃO FORÇADA: SAI JANGO, ENTRA DITADURA MILITAR

2.1. JOÃO GOULART E O BRASIL (MOMENTOS ANTES DA PARTIDA: (EVENTOS POLÍTICOS GERAIS DE 1950 A 1964)

O Brasil, em seus 500 anos de existência, tem vivido de forma frenética processos de avanço e retrocessos das liberdades democráticas. Sendo o último país a abolir a escravidão do mundo, e ter se apoiado basicamente no latifúndio, com a economia agroexportadora.

A classe dominante brasileira sequestrou desde sempre o poder político, estando na mão de velhas oligarquias que não se intimidam em ter que usar de meios truculentos e antidemocrático (até mesmo desumanos) para se manter no Poder. Para se compreender isso, é necessário alguns alertas para entender a natureza política do Brasil.

O Poder é acima de tudo “Poder fazer”. E desde que se fundamentaram as civilizações, é tudo em torno de poder. Aos que chegam nele, e aos que nele assumem, persiste a busca insaciável de conquistas e mais conquistas. E no Brasil, essa afirmativa, desde muito cedo, é materializada no monopólio da violência e no controle ideológico e essas características estão ligadas ao Estado. Desde a Colonização que o Estado absorve para si os poderes sobre a tutela geral da sociedade e dos territórios, controlando o estatuto moral, jurídico e econômico: “A liberdade e a lei eram indissociáveis, ou seja, a primeira era definida e limitada pela segunda”¹. Partindo do pressuposto que estamos falando de um Estado que se manifesta e faz suas características intrínsecas a de sua classe dirigente, o que temos no Brasil é um Estado que sempre dirigiu e canalizou suas forças para manutenção da ordem hegemônica: agroexportadora e latifundiária na economia; oligárquica na estrutura legal e constitucional; cristã e liberal na ideologia; branca e colonialista na sua imagem.

Essas referências são fundamentais para entender os acontecimentos político engendrado na diáspora brasileira. Uma colonização, como já mencionada, marcada

¹ (REZENDE, 2013, p. 13).

pela violência e pela segregação, fundava uma sociedade essencialmente plutocrática fortalecida no processo de “independência” e na afirmação do liberalismo republicano operada pelos militares e pela elite. Inicia-se assim a escalção dos governantes que tornariam a política um campo cindido de contradições e sucessivas arbitrariedades.

Na aurora do século XX o Brasil se preparava para entrar no moderno mundo capitalista que respira ainda os ares da *belle époque*, positivistas em relação a ciência e a tecnologia, acreditando profundamente na razão científica. Preparando-se, desse modo, para mudar seu perfil agrário, passando por uma urbanização dos meios de produção e uma proletarização das forças produtivas. Logo nas primeiras três décadas as elites cafeicultoras revezavam-se nos ofícios da administração da república, tendo eleito sucessivos presidentes garantindo seus interesses. Depois viveremos sob os auspícios de um desenvolvimentismo pautado pela nascente indústria nacional (filha da burguesia agrária) este ciclo, que se aprofunda nos ides de 1945, a partir da eleição do general Eurico Gaspar Dutra para a presidência.

A partir daí se tem a eleição de Getúlio Vargas, que após ser eleito se suicida com um tiro no peito em 1954, deixando apenas uma espécie de carta testamento, ou sua carta fúnebre. E em 1955, se tem a eleição de Juscelino Kubitschek para a presidência, e aqui se tem a primeira tentativa de golpe militar, que foi a tentativa para que Juscelino não assumisse o cargo legítimo conquistado de presidente da república. Em 1960, se tem a inauguração de Brasília, concedida através de Juscelino e a eleição de Jânio Quadros a presidência, que passa por um governo truculento, e em 1961 renuncia ao mandato, talvez por conta da forte oposição que o mesmo tinha enquanto governante da nação. Logo após assume João Goulart, vice de Jânio, no episódio que ficou conhecido como Campanha da Legalidade, e em 1964, acontece o golpe militar, que derruba Jango da presidência. Foi um período de grande crescimento e desenvolvimento no Brasil, além disso, a busca por uma identidade nacional, e ainda mais, a luta por mais direitos sociais.

Neste período o país vinha passando por um grave descontentamento por parte daqueles que eram mais bem favorecidos e a partir de Jânio e Jango que tinham mais abertura popular, o jogo começaria a mudar, e foi a partir dali, do que deveria ter sido a subida de Jango ao poder, porém... Neste período Jango estava na China Comunista. Com a renúncia de Jânio em 25 de agosto de 1961, e segundo a Constituição seu vice assumiria, no caso Jango que era de outro partido. Ali, já houve

um primeiro entrave com os militares que desrespeitaram a constituição, não aceitando a posse de Jango, pois queriam a votação de um *impeachment* contra o mesmo. Leonel Brizola junta forças na conhecida Campanha da Legalidade, e assim empossando Jango a presidência. Outro fato marcante da época, foi a Assembleia Nacional Constituinte, havendo então a derrota dos coronéis em seus próprios campos. Este quando presidente, começou a incomodar o grande polo da época, os Estados Unidos da América, a grande nação, a parte desenvolvida do mundo, o centro capital e do capital financeiro em expansão.

Desde que João Goulart assumiu a presidência, radicalizou a vida política do e no Brasil, não deixando seus zagueiros somente a darem balões e chutões, e sim articulando o meio campo político de uma forma diferente e de participação mais coletiva. O mesmo encontra um país em crise, descontrolado. Este tentou negociar a dívida externa com os EUA, e estabelece o plano trienal, visando controlar as contas públicas e da inflação. Apesar da crise, Jango incentivava negócios com países socialistas, buscava implementar ideais mais populares, o que era visto por muitos, como sonhos socialistas, comunistas, e isso, era tido com temor pelos Estados Unidos, o medo de se criar uma nova Cuba no Brasil, maior País da América Latina, pois “Alguns autores a tratarem do assunto tendem a considerar o anticomunismo emergente na conjuntura, essencialmente, uma manobra para acobertar os planos golpistas” (MOTTA, 2002, p. 273)

Jango teve grande oposição devido a seus ideais mais igualitários, como as ideias de fazer uma Reforma Agrária de plano imediata de alto apoio e cobrança da esquerda no país, assustando ainda mais os demais de classes médias e outros. Neste período também se deu a Marcha da Família, com Deus, pela liberdade, em São Paulo e região. Outro divisor de águas foram alguns acontecimentos, e estes são:

Muito importantes: a interferência do governo nos assuntos, na hierarquia e na disciplina militares, principalmente em relação às chamadas revoltas dos sargentos e dos marinheiros, assim como, em menor grau, as promoções, missões e cargos (...). Foram cruciais “a infiltração comunista no meio militar (...) e sobretudo “a crise hierárquica militar” (SOARES e D’ARAUJO, 1994, p. 31)

Vários outros descontentamentos militares para com aquele governo, e mais ainda, ficou destacado também, pelo fato de ter anistiado os marinheiros revoltosos e o anúncio das reformas de base no comício da Central do Brasil. Estes foram fatos, que marcaram o desgosto militar por Jango.

A Ditadura Civil Militar foi, antes de tudo, um atentado da Burguesia contra o povo brasileiro. Atentado que não difere do seu teor subordinado e subserviente ao capitalismo norte-americano, característico dos golpes de estados que aconteceram nos anos da política de Segurança Nacional (fazer nota dobre o PSN).

2.2. GOLPE MILITAR DE 1964

O que propiciou o golpe aqui teve embasamento em cima de vários fatores, que foram de certa forma propícios para que acarretasse neste rumo de tomada de poder, rompendo com a democracia do país. Este processo se dá a partir do momento em que o viés do governo passa a se atrelar a uma caminhada de rumo diferente a aquela pretendida pelos burgueses e militares da época, pois rumavam para uma maior abertura, a um processo que facilitava os mais pobres do país. Os rumos de tal caminho traziam um medo junto de si, o medo de que o capital fosse quebrado e o ciclo do desenvolvimento dos mais imponderados fosse interrompido. Para que isto de fato não acontecesse, é posto as ruas os passos do golpe, deteriorando/regredindo a sociedade brasileira em questão, já em rumos de uma ditadura que saia do esconderijo.

O processo de golpe se dá em meados de 31 de março de 1964, pois a partir daí o movimento dos militares e lideranças civis foram se posicionando de forma criticar duramente ao governo de Jango em manchetes e jornais, inclusive alguns pedindo de forma direta por intervenção militar, e a deposição da Jango, é a partir deste momento que as faltas na grande área já não são apitadas como deveriam, o jogo foi comprado. Foi comprado e financiado pelos grandes do capital, passando daí em diante tudo a despencar para o golpe em si, pois o General Olímpio Mourão Filho, sai de Juiz de Fora rumando a Guanabara com sua tropa, indo estes preparados para uma possível intervenção ainda de Jango. Mas os EUA, antecipando tal ato, deixam tropas navais de porta aviões de prontidão, o que seria então o apoio financeiro e militar ao golpe.

Mais ao sul do Brasil, Brizola tenta intervir, via as forças que ainda tinha, mas fracassa em sua ação. Jango vai ao Rio Grande do Sul para buscar refúgio e dali vai para fora do País, pois ficou sem condições de sustentar, de resistir, refugia-se no Uruguai, este ato é tido como a derrota de Jango ante a política no Brasil, ao passo

que seu governante abandonará o país, e por assim ser, abandonou seu povo, porém, não foi por tais motivos que ele saiu do país, ele foi praticamente obrigado a abandonar seu país.

Neste momento o governo do país passa ao alto comando militar, composto por membros das forças armadas: Exército, Marinha e Aeronáutica.

A partir desse momento, o General Costa e Silva nomeia-se chefe do exército, e o General Castelo Branco nomeia-se então a presidência, este receberá grande apoio das multinacionais e dos EUA, para que em troca disso houvesse uma abertura maior ao capitalismo norte-americano. A principal proposta era a quebra da inflação.

Estava praticamente ou já desfeita a república nacional, e naquele momento instaurava-se a ditadura militar no Brasil. Este processo era tido para recolocar o país nos trilhos através de um processo rápido, indolor para que se adentre a volta ao “crescimento e desenvolvimento”. Assim estava consolidado e dado o Golpe fatal na democracia, que foi chutada para fora de campo, sem bolas para sua possível reposição imediata, os gendarmes ficaram à mercê do tempo e das armas militares, que estavam ali para assegurar a “normalidade e a justiça” de um país que vem a partir do golpe sendo permeado na desigualdade.

Ainda neste ano de 1964, a ditadura vai se impondo, logo mostra seu truculento plano para todos os campos. É instaurado o Ato Institucional número 1, (conjunto de normas superiores, que sobrepujam a própria Constituição Federal) que confere ao presidente cassar mandatos e suspender direitos políticos, entre outros direitos mais e aumenta os poderes do executivo para dar cabo a aqueles que reclamam dos apoiadores do golpe e que pediam a punição aos golpistas. A partir deste momento se passa a viver e presenciar no Brasil um processo ditatorial, uma República de generais, que passou a usar da força ao invés do diálogo, passou a combater com armas e injustiças e não com educação. Na verdade, este processo passa pouco a pouco a destruir o que ainda resta daquele frágil processo da educação brasileira.

No dia 2 de abril de 1964, a característica da violência começou a dar seus ares, sendo naquele dia incendiado por políticos militares o prédio da UNE (União Nacional dos Estudantes), e a sede do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), que fora totalmente destruída. É neste momento também, que a democracia

vai se achegando aos seus respiros finais. Os poucos passos no gramado que ficaram, foram apagados e a grama foi replantada, principalmente a partir do decreto publicado pelo Diário Oficial, extinguindo o mandato de todos os membros do conselho diretor de Brasília.

Ainda em 1964, é criada a SNI- Serviço Nacional de Investigações, que tinha como principal objetivo obter informações sobre atividades que eram consideradas subversivas perante aquele governo. No governo de Castello Branco, a repressão foi se quantificando, ao passo que até mesmo funcionários do governo iam sendo demitidos e eram brutalmente espancados e violentados, somente por se entender que algo neles não condizia com a especiosidade do governo, isso aumentava quando se referencia o campo dos militantes da esquerda, a lembrar aqui de Gregório Bezerra. O que marca neste processo, é a imagem de uma corda no pescoço, motivos podem ter sido vários, desde ter seus direitos cassados por dez anos ou até pelo fato de ter ficado exilado no México e na antiga União Soviética por quase dez anos, somente voltando ao Brasil com a anistia. Isso só mostra que aqueles que fossem contra o regime, eram severamente punidos e torturados.

A luta era grande e distinta, uma luta contra o processo ditatorial, contra aquele governo ilegítimo, porém, havia a luta também daqueles capitalistas que queriam mantê-lo em vigor, para isso a esquerda era tida como grande inimiga do percurso. Para isso, foram sendo criadas e regulamentadas leis a favor do governo ditatorial vigente, sendo que tudo que fosse contrário ao governo passaria a ser extinto, dentro disso, a UNE foi extinta. Logo mais foi sancionada a Lei Suplicy, número 4.464, que proibia as manifestações estudantis, mais um empecilho sobre os direitos.

E para aumentar ainda mais o aparato de repressão militar, foram sendo criados vários órgãos de repressão, além do SNI, no governo de Castello Branco, foram criados a nível dos estados o Departamento de Ordem Política e Social, famoso DOPS, criado para impor e instaurar a prática do medo como forma de assegurar uma população, perante o medo de uma tomada de consciência mútua e popular.

No ano seguinte, em 1965, é instaurado o Ato Institucional número 2 (AI-2), que dava o poder de extinguir os partidos políticos existentes. Foi o momento em que o país passa a ter somente dois partidos, o Arena (Aliança Renovadora Nacional), que era o partido dominado pelos Udenistas, e era apoiador do governo militar, e por fim

o MDB (Movimento Democrático Brasileiro), que fazia a oposição ao governo vigente, era o governo da oposição moderada e que nas eleições legislativas votaram “nulo” para manifestar seu protesto e reforçar o descontentamento contra aquele militarismo do governo.

Já no ano de 1966, o Ato Institucional número 3 foi instaurado. O mesmo decretava o fim das eleições diretas para governadores e prefeitos, ou seja, daria eleições indiretas para governadores, que eram indicados pelos presidentes e dava aos mesmos (governadores) o poder de eleger os prefeitos de suas capitais.

O Ato Institucional número 4 do mesmo ano, convocava todo o Congresso para uma votação da nova Constituição, que foi totalmente elaborada e escrita pelos ditadores e sua ditadura, e como já se dava para imaginar, foi novamente vencida pela direita golpista, e assim ficando à esquerda cada vez mais nas linhas de impedimento daquele indigno regime. Este ato permitiu a elaboração de uma constituição que fortalecia o poder do presidente e enfraquecia o Legislativo e o Judiciário.

Várias tentativas de busca por retomada de direitos foram sendo praticadas pelas pessoas que estavam a ser tratadas como seres menores e assim plausíveis aos maus tratos, mas ao mesmo tempo e com mesmo teor eram reprimidas severamente pelos agentes do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social). O ato de resistir e de se defender é sempre presente na presença de um opressor!

Neste governo as estratégias econômicas de Jango foram sendo deixadas de lado, e para além disso, as estruturas políticas, psicossociais e militares, demonstravam que tudo isso era para reconhecer o que se buscava doutrinar, diferenciando daquele ideário de democracia, que seria planejado a sua volta depois de dado o golpe. Tudo era trabalhado cuidadosamente para que se mantivesse então aquele regime ditatorial, pois, não era mais expresso como rápida a intervenção militar dentro daquele contexto, o processo passou a ser exacerbado e levado adiante ao cabo de deixar de lado o projeto da intervenção militar rápida e objetiva, passando a alimentar cada vez mais a presença militar dentro da política nacional.

O governo de Castelo Branco trazia uma política anti-inflacionária que provocou uma grande recessão econômica, que foi fortemente evidenciada pela alta do custo de vida, pelo número crescente de falências e pelo arrocho salarial, fatores que só diminuiriam a capacidade de compra do trabalhador.

No final do governo, Castelo Branco e o Alto Comando Militar encaixam na pauta outro nome contundente dos generais golpistas do período, o do General Artur da Costa e Silva, que foi empossado em 1967. Este logo depois de empossado buscou corrigir os efeitos do governo anterior para retomar a expansão econômica.

Este novo governo e sua nova equipe econômica passaram a preocupar-se em conceder facilidades ao setor privado e uma busca por estimular as operações de investimentos.

Nessa época se tinha o debate sobre ideias de democracia, ligadas ao crescer do país que estava afundando em dívidas externas e passava por um ciclo depressivo da economia brasileira. Este foi um período ao qual vários setores da esquerda optaram pela luta armada, onde:

A luta das esquerdas revolucionárias nos anos 1960 e 1970 pelo fim da ditadura não visava a restaurar a realidade do período anterior a 1964. Embora buscasse se legitimar na defesa da democracia, estava comprometida, sim, com a construção de um futuro radicalmente novo, no qual o sentido da democracia era outro [...]. Assim, outro marco importante seria 1968, mais exatamente o AI-5, em 13 de dezembro. Impedida a toda e qualquer possibilidade de atuação dos movimentos sociais, só restava o enfrentamento armado. (FERREIRA e DELGADO, 2007, p. 48)

Vários tipos de enfrentamento foram feitos neste período, desde assaltos a bancos, que tinham por finalidade maior manter as guerrilhas, mas também de assegurar a vida na clandestinidade daqueles aos quais a ditadura perseguia.

E no ano de 1968 é instituído o Ato Institucional número 5 (AI-5), “que forneceu a cobertura paralegal para uma nova e tenebrosa fase da ditadura militar que se constituía desde abril de 1964”. (VIEIRA, 2014, p. 48), e que suspendia o *Habeas Corpus* por crimes políticos cometidos, passou a implantar a censura aos meios de comunicação, impôs limites de liberdades, como a de expressão, ou reunir-se, enfim, a liberdade comum de todos. Este novo ato dava poderes de perseguir e reprimir as oposições, decretar estado de sítio e intervir nos estados e municípios. Os poderes do presidente eram tão grandes que não podiam sequer serem submetidos à apreciação do Judiciário.

O ato era ainda maior e discricionário, supremo ao regime, o mais terrível instrumento de força lançado pelo governo militar, que dava o poder de fechar o Congresso Nacional, o que de fato acontece naquele momento, o Congresso é posto

em recesso. Este ato ainda dava o direito a suspensão dos direitos políticos do cidadão por dez anos. E como descrito até os Centros cívicos foram substituídos por agremiações estudantis.

Seu governo assistiu ao crescimento das manifestações contra a ditadura, apesar da repressão violenta. Tanto que no Rio de Janeiro a Polícia invadiu e matou o estudante Édson Luís de Lima Souto, que foi o fato de comoção que levou milhares à Marcha dos Cem Mil, diante disso a Frente Ampla (grupo político contra o Regime Militar), que era liderada por Carlos Lacerda, jornalista, político e ex-apoiador do golpe e que agora visava restaurar a democracia no país e também o fato de os estudantes da UNE, do congresso em Ibiúna que foram presos, por terem e estarem fazendo e participando de atos ilegais que eram vistos como contrários aos golpistas, ou seja, o apoio já do AI-5, para embasar a tomada de decisão em prender os estudantes. A mesma UNE neste período decreta greve estudantil, e meses depois, os estudantes são presos na Universidade Federal do Rio de Janeiro, que naquele momento teve suas aulas suspensas, para além disso, várias outras universidades foram sitiadas e ocupadas pelas tropas do regime. Também se dá por estes dias, a greve em Osasco, que tem início a partir do momento da ocupação da Cobrasma (Companhia Brasileira de Materiais Ferroviários) por seus operários ou trabalhadores.

A repressão também aumentou nos campos culturais, que teve fortes atuações de Glauber Rocha, desde o pré-golpe, com *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, a *Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri*, na peça *Arena conta Zumbi*, dentre tantos outros “É por meio do deboche que se concretiza a sátira violenta ao conchavo político ou à cínica aliança das classes sociais” (FERREIRA e DELGADO, 2007, p. 145). Movimentos como a Tropicália que buscava traduzir os sentimentos daquela atualidade de uma forma mais consciente possível, de forma característica e forte, a exemplo disso os festivais da TV Record, de Gil e Caetano, entranhados então no meio da arte crítica e social. Houve para isto muita perseguição e censura de músicas que destrativam da moral e cívica que era doutrinada.

Neste período os censores mostram suas caras, a ditadura a partir de então, mostra suas entranhas, e insiste em continuar na linha de frente da nação. Deste momento em diante tudo pode ser usado em forma de protesto, mas tudo pode ser utilizado também contra o protestante.

Costa e Silva pensou em promulgar uma nova Constituição e confiou ao seu vice, Pedro Aleixo, a elaboração. Surpreendentemente, ela atenuava os aspectos autoritários do regime. Quando a constituição estava quase pronta Costa e Silva ficou doente e afastou-se da presidência.

Uma junta militar governou o país durante dois meses impedindo o vice, Pedro Aleixo, de assumir a presidência. Nesses dois meses a Junta Militar modificou a Constituição, declarou extinto o mandato de Costa e Silva e indicou seu sucessor, que no ano seguinte (1969), já em seu início Costa e Silva é afastado do poder, devido a uma trombose cerebral e o General Emilio Garrastazu Médici assume a presidência, ou de certa forma, o golpe dentro do golpe nos direitos, a fase mais radical. É nesta fase do governo que o ápice da perseguição aos grupos contrários ao regime acontece.

É neste mesmo período que o Embaixador Norte Americano foi sequestrado pela ALN- Ação Libertadora Nacional, estes tipos de atividades, eram visando o recuperar ou retirar das prisões, presos políticos pelo regime. E é também o período ao qual a segurança nacional era tratada pelo regime como uma forma de garantias de uma maior segurança social, regimental e econômica, e que se justificava não apenas na forma de desenvolvimento econômico, mas também, numa forma de democracia denominada, por Médici, de humanista. Estes são anos de chumbo.

A censura e a repressão controlavam todos os meios de comunicação. Isso recaí também em cima de intelectuais, artistas, peças teatrais de Bertold Brecht e Federico Garcia são proibidas, teatros e outros espaços são frequentemente invadidos por forças militares. Vários educadores são expulsos ou aposentados nas universidades, um obscurantismo quase que total. Médici foi o campeão do poder ditatorial e da violência contra a sociedade. Os direitos básicos da população estavam suspensos.

2.3. MILAGRE ECONÔMICO, ANOS 1970-1974

Este período foi responsável pelo crescimento econômico a altas taxas anuais, com o aumento da produção industrial, o crescimento das exportações e a grande

utilização de empréstimos do exterior. Fator que mais tarde só fez decrescer a popularidade do regime, pois algo alertava para a inflação. Este foi também o período em que a economia mais cresceu durante a ditadura, tanto que ficou conhecido pelo nome: Milagre Econômico (1970-1974). “O que ocorreu foi uma mudança de ênfase da política econômica. Se no governo Castelo Branco era preciso combater a inflação imediatamente, enquanto se iam implantando as reformas estruturais, agora a situação era inversa” (FERREIRA e DELGADO, 2007, p. 223), tudo era motivo para eliminar os contrários, e isto era tirado como fator de grande glória e respaldo, de investimentos em áreas como siderúrgicas e postos petroquímicos, eram motivos a serem alardeados e fortemente propagandeados, ainda mais naquele processo de um regime ditatorial, porém, também foi um dos mais cruéis daquele processo inteiro.

O novo governo de Médici, que vinha embalado economicamente, invadido de capital estrangeiro, se jogava as delícias do mercado internacional e previa um crescimento em ritmos acelerados.

Para encobrir a violência e melhorar sua imagem junto ao povo, o governo gastava muito em propaganda. A propaganda foi facilitada pela rápida expansão do sistema eletrônico de comunicações. Foi época de músicas e *slogans* patrióticos. A partir daí é que começam a brilhar as luzes ufanistas de um Brasil crescente, do *Ame-o ou deixe-o*, que na verdade queria dizer ou você apoia o governo ou deixa o país. a ditadura não admitia críticas. Mas também pode-se dizer que foi neste período o grande endividamento externo do Brasil.

O milagre econômico beneficiou muita gente, principalmente os empresários, ajudou alguns trabalhadores devido aos cursos prestados por Senai e Senac, para que possam assim, subir em seus níveis de trabalho, mas principalmente foi um período de muita obtenção de bens. Mas, sempre existem os perdedores, e quem perdeu foram os pequenos agricultores, proprietários de pequenas terras, estes foram nitidamente prejudicados pelos investimentos e linhas de créditos dadas para financiamentos de maquinário agrícola, pois, um país para ser desenvolvido, tem que ter tecnologias atuais, era isso que se buscava.

Foi também em 1970, que se estabelece a Lei nº 1.077, de censura prévia de livros e revistas, que foi mais um dos meios utilizados para censurar o que para o regime fosse prejudicial. Foi também neste ano que o cônsul do Japão foi sequestrado

em São Paulo pela Guerrilha Revolucionária (VPR e MRT), e embaixadores da Alemanha (VPR) e da Suíça (VPR), são sequestrados no Rio de Janeiro. Mas também foi neste ano que se viu a necessidade de elevar os índices educacionais do país, e assim o governo passa a incentivar um pouco mais este percurso, mas a ênfase era a profissionalização. A mídia também foi utilizada, por meio da propaganda política, que aqui deixou de ficar às escuras e entrou nas telas com os filmes da AERP (Assessoria Especial de Relações Públicas), onde a amostra que se queria passar era de que futebol e vida se equivaliam. A partir daí deslança nas telas, e censura-se os impuros.

E neste ano (1970), no México mais uma campanha publicitária ditatorial de Médicy, a tão falada Seleção Canarinho dirigida agora por Zagalo, jogaria a Copa do Mundo, Taça Jules Rimet. E teve direito até a marchinha escrita pelo compositor Miguel Gustavo, trazendo em seu refrão;

Todos juntos vamos

Pra frente Brasil

Salve a Seleção!

Naquela copa se sagraria tricampeã, voltando então para casa com o troféu em mãos, e o próprio ditador Médici ergue a taça em solo brasileiro, onde se pode notar que “a ditadura colonizou o futebol a ponto de relacionar a conquista do tricampeonato na Copa de 1970 ao êxito do governo na economia, época do chamado ‘milagre brasileiro’.” (CENTRO CULTURAL CEARÁ SPORTING CLUB, 2011, p. 47) Fatos importantes aconteceram antes da copa de 1970, com as chamadas feras de Saldanha, como ficou conhecida a Seleção naquele período. Este foi um dos momentos chaves em que a ditadura interveio diretamente com a Seleção, pois, para muitos João Saldanha era tido como um Comunista, e “A queda de João Saldanha foi nascendo ao mesmo tempo que ele se transformava no João-Sem-Mêdo, no João-Língua-Solta (...) Enquanto deixava de ser apenas o João-Técnico, Saldanha dava motivos para ser derrubado.” (SAVENHAGO, PISTORI, 2017, p. 63) e por isso foi retirado do cargo, mas também por não acatar as ordens de escalar Dadá nas eliminatórias. Desta forma, foi posto em seu lugar um técnico mais obediente ao regime que ali estava imperando no momento, o Zagalo. E isso fica bem claro nas publicações ainda da época, onde o jornalista José Maria de Aquino, traz na revista semanal Placar, e diz que alguns dos motivos de sua queda do cargo foi, “1) brigas

com a comissão técnica; 2) liberdade ‘tática’ excessiva aos jogadores, a qual mais tarde obrigou-o a voltar-se contra eles; 3) falta de organização tática na seleção; 4) “interesse do governo pela seleção” (SAVENHAGO, PISTORI, 2017, p. 63). A partir daí entende-se bem as ligações de futebol e ditadura.

Já no ano seguinte, em 1971, o governo passa a editar decretos reservados. E neste ano também, ganha mais força a deixa da democratização, de certos apaziguamentos para trabalhar com mais margem o ditame do regime, algo que fosse adequado ao crescimento do Brasil na época, uma redemocratização, mas sem pleitear o que é incompatível. A educação passava por um desarranjo bem grande, e desta maneira, via Lei 5692/71, a qual dava *status* aos cursos técnicos de um ensino secundário, então, estes não ficavam, nem se encontravam preparados para continuarem seus estudos, e assim a educação levava mais um carrinho dentro da área sem a devida penalidade a ser deferida. Neste ano, mês de setembro, é assassinado Carlos Lamarca, líder da VPR.

Nesse período começaram a surgir guerrilhas urbanas e rurais. Grupos armados que queriam derrubar o poder e implantar um governo mais igualitário e cabível de participação popular.

Em 1972, desaparece o presidente da UNE, Honestino Guimarães. Logo mais tarde, se tem mais um foco da repressão a ser construído, a Escola Nacional de Informações. É neste período que o regime passa a combater a Guerrilha do Araguaia, a qual era formada por militantes do PCdoB. O que estes buscavam era a conquista da luta armada, uma revolução nos campos, e daí é que as ações nas cidades eram de suprema importância, como os assaltos a bancos, pois isso possibilitava a compra de armamento para o desenrolar do processo.

Na guerrilha do Araguaia, o exército mobilizou em torno de 20 mil soldados. Um outro fato importante, foi aquele ao qual os camponeses, os guerrilheiros foram presos, severamente torturados ou mortos pelos órgãos do estado ali presente, que buscavam por informações. As guerrilhas foram solapadas com o apoio técnico dos EUA.

No ano de 1973, foi de muita tortura como os já passados, foi o ano da morte do educando Alexandre Vanucchi Leme, que estudava na USP (Universidade de São Paulo), este foi preso e torturado até a morte. Foi um caso de muita comoção, como

não se via desde 1968, sendo que sua cerimônia fúnebre reuniu uma quantidade grande de pessoas. Foi um ato massivo. Neste momento, não só os juros, mas também o petróleo internacional sofrem aumento.

Ainda aqui, “uma nota assinada em conjunta, produzida por três organizações de esquerda, (Vanguarda Popular Revolucionária – VPR, Vanguarda Armada Revolucionária – VAR, Ação Popular Marxista Leninista - APML), reconheceu que a luta armada tinha fracassado.” (VAINFAS, FARIA, FERREIRA, SANTOS, 2010, p. 810). A guerrilha do Araguaia é neste ano dizimada, no mês de dezembro, de forma brutal e dura para todos ali presentes. A tortura era um aparato que impunha o medo, mas também dava alternativas para luta, mas a tardia politização de um povo, fez com que muitos caíssem sem dever, apenas por lutar pelos seus direitos comuns. Neste momento a Arena lança a candidatura do General Ernesto Geisel para a linha de sucessão ditatorial, quero dizer, para assumir a presidência da república.

No ano de 1974, o General Ernesto Geisel é eleito para a presidência e o MDB vence as eleições legislativas. Este vinha para fazer a transição lenta e gradual para o processo constitucional. É também criado na Universidade de São Paulo (USP), o Comitê de Defesa dos Presos Político. A partir daqui, começa a se abrir espaços para a redemocratização do país, numa abertura de certa forma controlada, lenta, gradual e segura, porém, se buscava manter afastados as partes mais de oposição, questão de segurança nacional, que só reforçou as esquerdas, as quais passaram a se unirem cada vez mais, até mesmo setores da igreja passaram a lutar junto, como a CEBs (Comunidades Eclesiais de Base). A imprensa alternativa teve participação também neste processo, mas não era capaz de competir com as demais, pois não tinha tanta força, bem como campo de atuação, tornando assim uma ditadura enfraquecida e obrigada a caminhar para a democracia, para buscar reaver sua popularidade, mas via bater nas portas dos seus prédios os fortes impactos causados pelo aumento do preço do petróleo internacional, começava aqui a se encerrar o ciclo do milagre econômico.

2.4. BOLAS MURCHANDO

No ano de 1975 é assassinado no Destacamento de Operação de Informação-Centro de Operações de Defesa Interna, o jornalista Vladimir Herzog. Daí, gerou-se muita indignação e revolta da oposição perante a sua morte, e as imprensas alternativas propagandeavam a indignação, e aspiravam revoltas contra os criminosos. Foi o ano da luta pelas anistias, que reunia familiares de presos políticos, setores progressistas da Igreja, militantes de partidos e de organizações de esquerda, ano de distensão política. Foi um ano que havia o questionamento da centralização das ideias, de emergência de movimentos populares, onde se buscava cada vez mais o estabelecimento dos direitos. Mas o endurecimento político continuava, e a ordem devia ser mantida.

Geisel afirmava, em meados de 1975: “o que almejamos para a nação (...) é um desenvolvimento integrado e humanístico, capaz, portanto, de combinar, orgânica e homoganeamente, todos os setores – político, social e econômico – da comunidade nacional. Com esse desenvolvimento é que alcançaremos a distensão – isto é, a atenuação, se não eliminação, das tensões multiformes, sempre renovadas, que tolhem o progresso da nação e o bem-estar do povo”. (REZENDE, 2013, p. 175)

Com isso se tinha em mente a purificação social, a qual, visava remover os focos de resistências, de uma forma que tudo fosse acobertado e bem escondido para que a população não percebesse as atrocidades e rompessem com a paz nacional. Desta forma é lançado o II Plano Nacional de Desenvolvimento, o qual realiza vários investimentos em áreas como de energia (hidroelétricas), a Petrobrás passa a explorar poços mais profundos, o álcool como combustível recebeu apoio do governo, vários acordos foram firmados, relações foram voltando, como exemplo da China e África e a dívida externa só aumentava. Era um projeto bastante ambicioso. A crise do Petróleo aumentou a inflação e o governo não pode contornar ou distorcer estes meios. Começa o declínio desta economia.

O ano de 1976 foi o momento em que se começa de uma forma bem discreta a movimentação para uma abertura política. Neste mesmo ano, é assassinado o operário Manoel Fiel Filho, nas dependências do DOI-CODI. O general Geisel exonera o também general Ednardo D’ávila Melo, devido as tantas mortes, mas em especial as de Herzog e de Manoel, que era um personagem bem próximo da Igreja Católica. Foi um fato de muita repercussão, e assim lotaram a igreja, mesmo que estivessem do lado de fora a cavalaria em peso, mostrando que o governo não estava ali para acalmar e sim reprimir. É aqui também que se tem as tentativas de atentados, onde bombas explodem na ABI e OAB. Em 1976, iniciam-se várias formas de luta contra a

ditadura, dentro de um viés estudantil. É a partir daqui que a abertura política começa a aparecer de fato e o governo inicia as tratativas de que vai se redemocratizar aos poucos. É a partir desse momento que a sociedade passa a pressionar o governo.

Em 1977, se tem o fechamento do congresso e a imposição do pacote de abril, o qual dava nova ênfase ao poder autocrático e para dizer que seus métodos estavam ali presentes e cabíveis de uso quando se fizesse necessário, no qual estabelecia afrontas aos contrários, fossem eles quem fossem e quais fossem, estas reformas foram muito criticadas. Neste período teve a primeira revolta contra a ditadura na época, com a tentativa de ocupação da Praça da Sé, mas como de praxe, a polícia obrigou-os a não permanecerem ali, então, foram para outros lados. Acontece a invasão da PUC- SP, onde dezenas de pessoas ficaram gravemente feridos, no III Encontro Nacional dos Estudantes, na tentativa de reorganizarem a UNE. Desta forma a austeridade do processo passava a ser peça chave na continuidade do governo Geisel. Havia também ali um crescimento exacerbado do MDB, e isso é claro, passava a incomodar a oposição no governo. Se encontrava a luta pela anistia ampla, geral e irrestrita. Ainda assim o governo persistia em continuar a governar, mesmo estando à beira de um colapso, esgotado devido aos tombos que estava levando.

No ano de 1978, se tem a greve dos metalúrgicos em São Bernardo do Campo, e o colégio eleitoral faz referência ao general João Figueiredo para assumir o cargo de presidente da república. Este viria para dar continuidade ao processo de abertura política do regime. Aqui também se tem a revogação do AI-5, feita pelo general Geisel. Tinha a busca por uma adesão um tanto maior perante a sociedade. Foi um período de cobranças, de reivindicações dos trabalhadores, e os movimentos sociais tinham um leque que possibilitava uma acirrada luta dentro da política, pela anistia política, principalmente com o cabo das eleições de 1978, e a vitória do MDB. As eleições de 1978, foram de grande importância na luta contra o regime.

Em 1979, na busca por tentar amenizar os problemas causados na economia é extinto o AI-5 e toma posse o sucessor de Geisel, o general João Baptista de Oliveira Figueiredo como novo presidente do Brasil, sendo mais um na linha dos generais a quebrar com nossa constituição e a sufocar nossos direitos. Esta foi marcada pela explosão de lutas e greves e pelas exigências de uma sociedade que queria a redemocratização do país. Nestes mesmos dias se tem uma explosão no carro do jornalista Hélio Fernandes.

Neste governo é decretada a anistia, e tem o fim do bipartidarismo. As lutas continuavam a ganhar folego, como as do ABC e outros locais.

As pressuposições em torno da conciliação, da recessão e das greves forneciam as linhas básicas sobre as quais se tornavam mais delineadas, em 1979, as posições dos diversos setores sociais sobre a democracia. Evidenciava-se com precisão que os diversos componentes do grupo de poder tomavam a democracia como a chave de todos os problemas nacionais dentro da ótica do regime militar. Os representantes do grande capital exigiam a ampliação de sua participação nos mecanismos decisórios em nome de um aumento na “taxa” de democracia; no entanto, a explosão das greves em diversos setores no decorrer de 1979 era mostrada, para os demais setores da sociedade, como democracia em excesso. (REZENDE, 2013, p. 238)

Essa quebra de direitos só foi rompida quando aprovada a lei de anistia, momento em que muitos exilados retornaram ao Brasil para desempenharem sua tarefa de lutar por direitos até então sombriamente escondidos num porão escuro ou em outros países.

No plano econômico, o Brasil não conseguiu mais apresentar taxas de crescimento econômico e nem índices baixos de inflação, pois os gastos e empréstimos exagerados começam a cobrar seus juros e assim o milagre começa a cair por terra.

2.5. OS ANOS FINAIS DO REGIME

No ano seguinte, em 1980, a inflação alcança os 110%. Outros atentados a bomba acontecem na ABI, causando a morte da secretária Lyda Monteiro e vários outros atentados foram feitos ainda neste ano. Cresceu também a margem de atentados contra os órgãos que transmitiam informações, como bancas de jornais e outros espaços, e que tinham jornais ou periódicos alternativos a exemplo do *Pasquim* e o *Em tempo*. Estes foram severamente destruídos. Algumas personalidades da vida política do país também foram atacadas, como Leonel Brizola. O mesmo encontrava-se hospedado em um hotel, no qual foi encontrado uma bomba prestes a explodir. Fatos semelhantes aconteceram em outros locais, visando atingir outras personalidades que faziam oposição ao governo ilegítimo. Aqui uma série de contradições colaboraram para o ocaso da ditadura, como a dívida externa que

crescia a passos largos, a escalada inflacionária e a crise fiscal, resultantes da crise do petróleo.

O ano de 1981 foi frustrante para o regime. De início parecia que não ia dar continuidade a abertura política que vinha trazendo, e mais um atentado, ou melhor uma tentativa frustrada do que era para ser o atentado no Riocentro, caso este que acabou com a vida do sargento Guilherme P. do Rosário e feriu gravemente o capitão Wilson Luiz C. Machado, no que era para ser uma explosão a matar outras pessoas, a bomba acaba por explodir no colo do sargento, no show comemorativo do dia do trabalho, com a presença de milhares de pessoas. Os responsáveis por este crime não foram punidos. “O regime militar não tinha nem recursos nem projetos para a crise do seu projeto de abertura, e recolhia-se, de forma acabrunhada, ao imobilismo, enquanto manifestações de massa ocupavam as ruas”. (FERREIRA e DELGADO, 2007, p.273)

O ano de 1982 começa com a oposição ganhando como maioria na câmara dos deputados. A ditadura militar estava com os dias contados. Os dois partidos, ARENA e MDB desaparecem, dando origem a novos partidos como o PT (Partido dos Trabalhadores), PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), PDT (Partido Democrático Trabalhista) e outros. Neste ano a reforma agrária entra na pauta de lutas com mais força, pelo fato de buscar uma maior distribuição dos bens, principalmente com a greve dos canavieiros em Pernambuco, e ainda mais com a Campanha Nacional pela Reforma Agrária, que visavam ampliar a bandeira da luta pela terra.

Foi mais um ano de lento processo de abertura a democratização do país. Este foi um período de crescimento da inflação que subia dia-a-dia, período no qual o governo engatinhava tentando se manter em pé. Um período ao qual se buscava ardentemente a democratização, apesar das entranhas do regime ainda estarem presentes. Daí é que cabe à ajudinha do futebol e seus atuantes, mais uma vez para análise deste meio tempo de lutas e descrenças. Este é o ano do ponta pé inicial da Democracia Corintiana, que tinham em seu slogan: *Ganhar ou perder, sempre com democracia* (PLACAR, 1983, p. 06).

O ano de 1983 se inicia de uma forma bastante truculenta. Impunha-se a bandeira pela campanha das Diretas Já, liderada por Ulisses Guimarães (PMDB), ao passo que aumenta a inflação, chegando aos 220% e o desemprego no país só

crece, gerando uma inépcia econômica. As ruas são tomadas pelo povo que exige eleições diretas, ou Diretas Já. Esta proposta:

Representava um rompimento radical com a *abertura limitada e pactuada* que o regime vinha implantando e levaria, através da eleição de um presidente pelo voto direto, com uma Constituinte, a uma ruptura constitucional extremamente desfavorável para as forças que implantaram a ditadura militar no país. (FERREIRA e DELGADO, 2007, p.273)

As atitudes do governo eram ineficazes para combater a crise do país. O então Presidente Figueiredo apelava para que houvesse uma união nacional buscando seu fortalecimento enquanto nação, mas isso não deu muito certo. A luta pela conquista do Voto Direto a presidência persistia e ganhava apoio de outras classes e personalidades. Um forte exemplo disso é a Democracia Corintiana, com Wladimir, Sócrates, Casagrande, Zenon e outros que traziam em seu campo pertinente, a democracia de opiniões, de trabalho, enfim, de tudo que coubesse ao clube, tinha participação de todos. Foi o ano em que a Democracia Corintiana pode estampar em suas camisas “Dia 15 Vote”, em alusão a votação para governadores e as cores das Diretas, ao passo que o futebol era o ópio do povo. O sistema começa a cair por terra.

Foi no ano de 1984 que ocorreu a derrocada do regime ditatorial no país, com milhares de pessoas nas ruas pedindo Diretas, sendo este o maior movimento cívico da história do país e de muitos comícios espalhados por esse Brasil afora. Na primeira votação a emenda foi derrotada, devido a manobras políticas e não houveram Diretas Já, mas a força que ficou da campanha, solapou o regime. Desta maneira, coube levar os processos adiante, com o PMDB, que lançou Tancredo Neves e o PDS que lançou Paulo Maluf. Desta forma, criou-se a chapa Aliança Democrática, com Tancredo Neves para presidência e José Sarney para vice. E em 15 de janeiro de 1985 Tancredo foi eleito, em eleições indiretas pelo Congresso Nacional, porém, no dia 21 de abril, véspera de sua posse, veio a falecer. Assume então a presidência do país o vice Sarney, e assim se dava por acabada a ditadura no país.

A ditadura no Brasil foi um processo marcante, de profundas lacunas deixadas na nossa história, de desaparecidos e mortos, de torturas e torturas. Foi um lado obscuro de nossa história, pois rompeu com a democracia, extinguiu os direitos sociais de um povo que só queria ser livre, impediu opiniões, calou as vozes em repúdio ao seu próprio povo, na busca de poderes absolutos. Porém, o povo se

insurge contra este sistema opressor que fez de muitas famílias um pranto eterno, pois deixa em valas de algum lugar, sem endereço ou cerimônia, os corpos jogados a mercê do tempo, apenas deixando que o tempo passe.

3. PLACAR E A DITADURA

O local que este estudo está focado são as páginas da Revista Placar, a maior naquele momento que trabalhava com informações esportivas, principalmente sobre o futebol. É uma revista que teve sua primeira publicação no dia 20 de março de 1970, tinha periódicos semanais, e era redigida, impressa e produzida pela Editora Abril. Vale ressaltar aqui, que a editora é de produção do Grupo Abril, que publicava outra revista, a *Veja*, famosa por tratar de informações cotidianas. Atualmente a Placar deixou de ser publicada na forma impressa, estando apenas nas páginas da internet. Se transformou em site, e suas revistas ou periódicos hoje se encontram digitalizados, ou nas mãos de colecionadores.

Este estudo vai trazer uma análise focada nos periódicos. Bem como relacionar o trabalho jornalístico envolto na revista, principalmente no que se refere ao período ditatorial vivido pelo país, porém, num período específico, que inicia em 1982 e vai até 1984. Tenta mostrar que através deste esporte (futebol), existia também a resistência das classes subalternas, e que tinham apoio e participação de clube (s) e atletas para retirar suas mordidas, na luta pela democracia, num período turbulento. Este será o tempo estudado. O estudo vai a campo para buscar compreender os meios de luta e resistência daquele período, que só cresciam em práticas e vozes, visando ainda mais reforçar no que se refere aos praticantes deste esporte, bem como tentar entender o que tinham em suas mentes quando se tratava de um regime opressor.

O objeto deste capítulo é a análise do futebol, de seus atuantes, dentro da revista Placar. Para dar maior estrutura a esta análise, busca-se aproximar do que os autores queriam dizer, mesmo com tantas limitações e recheados de olhares atuais para aqueles campos passados. Trazer os *lócus* daquelas disputas esportivas e passadas é um dos enfoques.

O futebol naquele período era muito popular no Brasil e em suma, é importante para entendermos os contextos pelos quais o país passava, portanto, cabe ao historiador uma busca findável e concreta, plausível e árdua. O que se busca neste capítulo é trazer uma análise dos exemplares estudados, seus conceitos, seus aspectos importantes e constantes no método de análise destes conteúdos, e em cima disso, discutir alguns de seus pontos principais, tal como escreve Marialva Barbosa:

A primeira aproximação está mesmo na atividade de seleção, privilégio tanto do historiador quanto do jornalista. Os meios de comunicação ao selecionar o que se passa no mundo, o que vai ou não ser notícia, o que vai ser editado com destaque ou sem relevo, estão, na verdade, procedendo a criação do próprio acontecimento. Longe de serem apenas veículos de divulgação, são eles próprios criadores do acontecimento. E, dessa forma, constituem uma memória privilegiada do presente que vai ser objeto de análise do historiador num futuro. Os impressos são, sobretudo, documentos e como tal monumentos da memória. (BARBOSA, 1997, p. 87)

O que se busca no fundo é utilizar desta ferramenta de análise para medir a força e o impacto sensacionalista dos textos, baseando-se nas formas e quantidades em que são utilizadas palavras, frases, textos, matérias, artigos, e visualizando o tamanho e formato dos títulos, o número de páginas que fica dedicado aos assuntos. Tudo isso, visando compreender as entrelinhas deste campo, as reticências e as figuras de linguagens apresentadas, ou como Fraga escreve quando trabalha com a análise de imprensa, dizendo que:

Em tais estratégias, os grandes jornais valem-se também de recursos gráficos e de diagramação, a fim de melhor assegurar a transmissão daquilo que se encontra sublimado na mensagem. Assim, toda a hierarquia conferida às informações, o destaque dado às manchetes e aquilo que elas exaltam, bem como o próprio material ilustrativo, constituem-se em mecanismos que objetivam não somente auxiliar a captação da informação, mas também da carga ideológica que se encontra a ela atrelada. Se por um lado, encontramos diante de um verdadeiro instrumento didático, por outro este terá sua operacionalidade sempre limitada ao contexto histórico no qual se insere, sendo desta forma um verdadeiro testemunho das formas de pensamento dominantes ao longo do tempo. (FRAGA, 2004, p.30)

Isto é válido também para o estudo em revistas, e ajuda na compreensão melhor dos fatos acontecidos naquele período, expressa numa busca por informações que condizem e expressem opiniões que venham com sustância, para que se possa compreender tais acontecimentos e fatos, desde que estes se associem com o futebol e deem ligação a seus personagens em luta por seus direitos. O campo é árduo, a luta é grande, a consciência vai tomando seu lugar em meio a este vasto gramado, cheio de falhas e na maioria das vezes submisso a um sistema opressor. O futebol foi neste período um grande agitador de massas, trazia milhares de seguidores para se deleitarem em suas arquibancadas, para verem alguns vinte e dois correndo atrás de uma bola, com o objetivo de marcarem os gols da vitória, aqueles que mais vezes conseguiam marcar estes gols, ganhavam mais prestígio e fama perante a sociedade, de tal maneira que se destacavam também os clubes destes atletas.

Cabe dizer como surge um processo que muito tange daqui para frente os rumos das seguintes análises, a chamada “Democracia Corintiana”. Um processo que

foi buscando liberdade dentro do clube, e fora dele e que começa a aparecer de fato nas palavras de um democrata, na pessoa de Millôr Fernandes;

Cunhou uma frase assim: “Se o governo continuar deixando que certos jornalistas falem em eleições; se o governo continuar deixando que determinados jornais façam restrições à sua política financeira; se o governo continuar deixando que alguns políticos teimem em manter suas candidaturas; se o governo continuar deixando que algumas pessoas pensem por sua própria cabeça, e, sobretudo, se o governo continuar deixando que circule esta revista, com toda sua irreverência e crítica, em breve estaremos caindo numa democracia’ (SÓCRATES, GUZZI, 2011, p. 12 e 13).

Mas foi de fato a partir de Washington Olivetto que este processo começa a apreciar de sua dialética para que pudesse permear nos campos da luta pela redemocratização que este Washington parafraseia e assim está escrito: “Parodiando Millôr Fernandes, se os jogadores continuarem a participar das decisões no clube, se os dirigentes não atrapalharem e se a imprensa esclarecida apoiar, veremos que aqui se vive uma democracia, uma democracia corintiana” (SÓCRATES, GUZZI, 2011, p. 13). Este processo, não foi algo espontâneo, que surge do nada e para o nada se vai. Foi um conjunto de ideários, de condições que possibilitaram um grupo de jogadores a fazerem a leitura de um determinado momento histórico e isso foi incrementando como parte do que eles buscavam para modelo de sociedade.

3. 1. PLACAR E FUTEBOL

O período aqui abordado se remete aos anos de 1982 e 1984, e traz a análise do que era escrito na Revista Placar. Dando início a pesquisa no exemplar número 607, datado de 08 de janeiro de 1982, primeiro deste ano, chegando até o exemplar número 749, datado de 28 de setembro de 1984. Desta forma perpassando por 142 exemplares². O que se visa é “compreender como um texto funciona, como ele produz sentidos, é compreendê-lo enquanto objeto linguístico-histórico, é explicitar como ele realiza a discursividade que o constitui”. (ORLANDI, 2001, p. 70). Através disto, pode-se perceber as linhas editoriais e a força dada as notícias com cunho político e que tinham referência da luta de classes nos meios esportivos, principalmente no que diz

² O trabalho da pesquisa foi interrompido em setembro de 1984, por falta de disponibilização dos periódicos seguintes, num total de 14 exemplares faltando, mas isso não influenciou na conclusão da pesquisa.

respeito ao futebol, que praticamente era a maior força a ser praticada dentre os demais esportes no Brasil.

O governo militar entra em crise e passa a ser questionado por não garantir os direitos básicos de sua população e assim os jogadores passam a perpetuar também na luta, um dos episódios mais marcantes tem seu início justamente no ano de 1981 (SÓCRATES, GUZZI, 2011, p. 59), com a chamada *Democracia Corinthiana*. Este processo não era algo espontâneo, tinha raízes e para além disso, ela trazia em seu slogan: “Ganhar ou perder, sempre com democracia”.

Na revista Placar, os campos políticos começam a se cruzarem. Chega o momento que isso vai aparecendo e se dá no exemplar número 656, de 17 de dezembro de 1982, intitulada “**Campeão apaixonante Corinthians**”, que nas páginas iniciais, 05, 06, 07, 08... 11, 12, 13... até a página 18, retrata o título do clube. Nada ainda parecido com o seu slogan acima dito; mas já com pequenos passos de apresentação, do que estaria por vir. As deixas da unidade do grupo, da participação nas tomadas de decisões e de frases do capitão corintiano Wladimir, que retratam os ares daquele time: “É bom para o futebol brasileiro que todos os dirigentes entendam que liberdade e respeito levam à vitória. Com este ambiente, sem modéstia, acho que o Corinthians já pode pensar bem grande. Pode pensar até em ser campeão do mundo” (PLACAR, 1982, p. 08). Aqui ainda chamado de “Corintianismo” e não de democracia. Mas já demonstra que esta nova experiência pode vir a colocar novos conceitos em cima do futebol e seus atuantes, que agora participam mais assiduamente dos projetos do clube.

Desde a publicação do exemplar acima citado, mais cinco exemplares foram publicados. Nenhum mais referiu-se a temas diretamente políticos até o exemplar número 662, datado de 28 de janeiro de 1983, página 81, na qual trazia em uma pequena coluna no meio da página, num espaço destinado a escritas dos torcedores, uma foto do campeão paulista de 82 e em parte dizia referindo-se ao time como um “exemplo de humildade e democracia, onde os jogadores podem expor suas ideias e opiniões”. (PLACAR, 1983, p. 81)

O próximo exemplar a dar ares de política é o do dia 04 de março do mesmo ano, de número 663, e intitulado “**Um futuro para Wladimir**”. Na página 19, seguindo adiante, jogador e candidato ao Conselho Deliberativo (Wladimir) quer mostrar serviço

para além do campo, pois “jogador de futebol já está preparado para exercitar idéias de democracia e participação”. (PLACAR, 1983, p. 19)

Outro fator importante aparece nas páginas 20 e 22, do mesmo exemplar acima citado. Ali já dava tons de coletividades, a unidade aparece novamente, reforça sempre a ideia em cima da liberdade e ainda mostra a igualdade de direitos que existe no clube a partir das ideias de Pires, que fora eleito presidente do clube Corinthians em 1981, tendo como vice Matheus, e por tal fato “era visto pela oposição e pela imprensa apenas como um ‘laranja’ da situação, uma espécie de testa-de-ferro de Matheus” (SÓCRATES, GUZZI, 2011, p. 43). Logo mais especifica o porquê do lançamento de sua chapa (Pires) para a busca da reeleição que por sinal estava bem-conceituada e bem destacada, título em caixa alta, e destaque para **“Democracia está em jogo”** (p. 22). Assinada por Marco Aurélio Borba, o qual fez referência as eleições do clube naquele período. Daí aparece o primeiro jogo de comparação de palavras. A abertura (liberdade) de Waldemar Pires, que era totalmente o oposto de Matheus (agora candidato a presidência do clube e não mais vice de Pires). Pires era mais aberto e com o passar dos tempos, vai gradativamente assumindo seu cargo como presidente em seu primeiro mandato, não deixando Matheus se impor. Agora havia outra chapa em disputa, aquela do autoritarismo de Vicente Matheus, que foi presidente do Corinthians desde 15 de agosto de 1972, e ali ficou por dez anos consecutivos, num estilo “centralizador e paternalista” e que “Comandava o Corinthians com mão-de-ferro. Certa vez, ao comentar seu estilo de administração, declarou: ‘O Corinthians é uma ditadura mole!’ Quando derrotado politicamente no clube, recorria à Justiça.” (SÓCRATES, GUZZI, 2011, p. 30). Traz também o conseqüente aumento do uso das dependências dos espaços do clube com a nova presidência e as reformas trazidas por Pires, para diferir e aferir golpes a Matheus, aqui na lógica de apaziguar ânimos sem expor de forma clara as posições. Retrata também a relação de patrão-empregado, que fica mais clara, no momento em que se diz que ninguém é submisso, nem capacho. Isto aparece neste exemplar como um dos meios de luta na igualdade em respeito aos direitos dos profissionais, mas também para discussão de algoritmos que se relacionem com o bem-estar comum para o grupo, ou seja, tudo se avalia para que não haja possíveis problemas no futuro e os frutos democráticos possam ser colhidos. Reforça ainda a participação da torcida em apoio a este novo modelo administrativo do grupo.

Nove exemplares mais tarde, naquele de número 672, do dia 08 de abril de 1983, a pergunta em caixa alta, numa coluna bem ao lado do sumário (p. 03), com boa tonalidade e grande destaque, pelo fato de estar no início e com uma pergunta meio tendenciosa, **“Quem tem medo da democracia corintiana?”**. Este escrito é assinado por Juca Kfourri (prestigiado escritor e jornalista esportivo), e pelas suas palavras um assíduo defensor da democracia corintiana, ressalva palavras do ex-técnico Travaglini. Aliás, Travaglini chega para treinar o Corinthians em 27 de outubro de 1981, chegou para ser o salvador da equipe que passava por um de seus piores momentos. Depois de certo tempo e certos desarranjos, pediu demissão, fato este que foi para muitos um ato da democracia, uma expulsão de um contrário a este ideário, porém, traça a linha de apoio quando escreve: “cansado, desgastado e desanimado, segundo suas próprias palavras – e a implantação da convivência democrática não é fácil mesmo, principalmente para todos nós que convivemos durante tantos anos com o autoritarismo -, Travaglini resolveu sair”. (PLACAR, 1983, p. 03). Traz também a dualidade de opiniões de grandes jornais da época como *O Estadão* e *Folha de São Paulo*, que não escondiam suas posições e seus lados. Trabalha forte com a palavra conservadorismo e elites, ao passo de colocar os contras a esse processo (pessoas que não mereçam o futebol) e sim, que só querem explorá-lo, sem direitos comuns. Começa então a aparecer personagens como Sócrates, Wladimir e Zé Maria, sendo os impulsionadores maiores do processo, mas ainda sem muita menção sobre estes. Passa a legitimar ainda mais sua ideia favorável a democracia quando escreve “Hão de saber ainda que o pior das ditaduras é que elas fazem parte dos cemitérios” (PLACAR, 1983, p. 03). Aqui já se nota uma crítica direta ao processo de vivência do período de luta ainda desigual. O mesmo critica pela palavra ditadura, e pela associação que faz com cemitério, ou seja, dúvidas já pairam pelos ares da sociedade.

Dando continuidade ao trabalho, pode-se perceber que ainda neste exemplar do dia 08 de abril, em sua página 35, num texto chamado **“O futebol gaúcho em busca do antigo milagre”**. Ali se faz uma breve referência ao frágil processo democrático vivido, cita os clubes Grêmio e Internacional e o Campeonato Gaúcho. Aparece esta referência para trazer nova dualidade, que só percebemos quando retrata “as concordatas e falências e com os perigos porque passa a instituição da democracia no país, tem o sonho afinal legítimo, de que o futebol gaúcho poderia ser

o milagre que não existe mais” (PLACAR, 1983, p. 35) e ainda diz que o futebol poderia vir a ser um modificador destes problemas. Esta foi uma breve referência a crise a qual vinha passando o país no momento. Mais uma vez põe o futebol como atuante de mudanças, pois este poderia contribuir para o bom trabalho de todos na luta por suas conquistas, na luta por dignidade no trabalho.

Ainda com este número, temos uma entrevista na página 17 feita pela revista com os jogadores Wladimir (líder sindical), Adilson e Sócrates, da chapa democrática que venceu recentemente as eleições para o pleito administrativo do clube. Nesta entrevista percebe-se os questionamentos em referência ao processo democrático. Questionados sobre, Adilson responde: “nessa democracia jogador joga bola, técnico escala o time, médico receita, preparador físico põe para treinar. A turma trabalha duro.” (PLACAR, 1983, p. 17). Aqui fica bem clara a dinâmica utilizada pelo clube, ao fato de que todos discernem sobre os assuntos, mas que cada um tem uma tarefa. Pode parecer fordismo, mas sabemos que tudo tem divisão de tarefas, que cada qual precisa do outro, para que possam produzir. Aqui não se tem mais aquela estrutura repressora, e sim uma estrutura que possibilita abertura e liberdade de opiniões. O que persiste são as dúvidas de como o processo se dava no clube, quais eram os problemas. No fundo os entrevistados desdenham bem sobre esse processo, dizem que todos têm responsabilidades e isso passa a ser um fundamento, principalmente quando se erra. O erro vem a ser coletivo também. Outra ressalva é a de que, no momento que alguém tenta se sobrepor aos demais, esta deixando de ser democrático.

Neste mesmo trabalho, e mesma entrevista que é feita com Wladimir, Sócrates, e Adilson, e intitulada de “**A democracia se consolida**”. Aqui Sócrates diz: “Quero colocar minhas ideias e quero que elas sejam ouvidas (...) No Corinthians sempre houve estruturas autoritárias (...) É isso que todo mundo quer. Que todo jogador seja um alienado. Jogador tem de jogar, estudante tem de estudar (...) Se você reagir contra, perde o emprego e, se os cartolas quiserem, você não joga mais em lugar nenhum” (PLACAR, 1983, p. 17), e em outra frase ele diz: “estrutura do futebol é muito paternalista” (PLACAR, 1983, p. 17).

Em outro exemplar, o de número 674, do dia 22 de abril de 1983, da página 03, com título todo em caixa alta, letra maiúscula, novamente escrito por Juca Kfourri e intitulado “**Boas-vindas, comandante Carlos Alberto**”, assim chamado o heroico

capitão do tri. Este veio para quebrar a crise no rubro negro, e que a partir dali, foi pedindo também a implantação de uma democracia na gávea. A revista já tratava que havia uma “nascente democracia rubro-negra”, ou seja, aquele exemplo do timão. Talvez devido ao sucesso passa a ser perseguido, mas também cabe reestruturar para que caiba em outros grupos e clubes, assim como no Flamengo, que com a chegada deste capitão goleia o próprio Corinthians, e por conta disso, muitos se perguntam, a culpa desta derrota “é da liberdade?” (PLACAR, 1983, p. 03), e diz mais, fala que isso nada “acrescentou ao patrimônio da humanidade”. (PLACAR, 1983, p. 03)

Logo mais, nas páginas seguintes ainda, mais exatamente a página 08, novamente trabalha os assuntos da democracia corintiana, intitulada de “**Dificuldades de uma democracia**”. Aqui o autor João Carlos Rodrigues, cita alguns possíveis problemas ante ao desempenho dos atletas em campo. Expõe as colocações sobre o time estar perdendo por conta de sua abertura, mas traz novamente a opinião de outros meios informativos, especialmente do *Estado de São Paulo*, quando incitava a demissão de Travaglini baseado na abertura democrática. Chegando algum jornalista mais conservador a dizer “Ou a democracia acaba com a gente, ou nós acabamos com a democracia” (PLACAR, 1983, p. 08). A goleada sofrida pelo clube, foi um fato marcante, pois a partir dali alguns atletas incitavam a volta do autoritarismo de Matheus (ex-presidente do clube), dizendo que “rolariam cabeças” (PLACAR, 1983, p. 08), pois o clube passava por um período de “polarização política”. Boa parte da mídia expunha seus pontos de vista e este periódico também reproduzia publicações destas mídias para trabalhar em suas indagações.

No exemplar 674, de 13 de maio de 1983, a política reaparece na página 12, quando um dos craques do time, Casagrande deseja sair do clube, inclusive o nome dado à matéria é “**Agora quero sair do Corinthians**”. Aqui aparece uma entrevista da revista para com o jogador, perguntando-lhe sobre a sua saída e os seus motivos. No fundo, nota-se que querem referenciar a democracia, como um possível definidor para a saída de Casagrande do Corinthians, tanto que nas perguntas, endossam para se obter respostas, até chegarem de fato, a perguntarem se a “democracia corintiana serviu para mudar um pouco o quadro do futebol profissional?” (PLACAR, 1983, p. 12). Pergunta a Placar a Casagrande, o mesmo responde afirmando, e diz mais, fala que “Sócrates também deveria sair”, querendo dizer que desta forma os problemas

sempre iriam estourar em cima deles (Sócrates e Wladimir), pelo fato de serem também agentes dessa transformação no clube, mas também por escolherem mostrar as caras sem o medo dos comentários que por ali viriam. Já na página 58, há algo que chama a atenção somente pelo título: “**Jogador é boia-fria**”, como diz João Saldanha, o “governo insiste em acreditar que o futebol aplaca as iras da crise. Quanto a democracia corintiana, reconheço que os jogadores estão dando um grito de alerta. Isso pode ser ponto de partida para que a democracia chegue a todos os jogadores brasileiros” (PLACAR, 1983, p. 58). E o porquê do título, talvez o nome já provoque entendimentos, pois ali a profissão não estava “consolidada” e sim, deixava a insegurança nos ares, o medo da demissão, ainda mais porque João colocava mais lenha ao fogo, dizendo que “os jogadores devem lutar”, por isso a comparação da revista “técnico e cigano”, escrita desta forma mesmo entre aspas.

Em 17 de junho de 1983 (p. 37, número 682) a Placar entrevista Travaglini, ex-técnico do Corinthians e agora técnico do São Paulo, que buscou sempre ressaltar a importância do trabalho em grupo, com respeito e ordem, onde as estrelas do time, são o conjunto, essa era a ressalva do treinador, o coletivo era maior e assim destoava perante os demais, deixando que os jogadores participem e assim eles mesmos se cobrem, ressalta ele, “Democracia, afinal, é isso” (PLACAR, 1983, p. 37). E diz que no Corinthians não teve problemas com a democracia e sim “problemas normais”, aos quais qualquer um passaria, pois cada qual pensa conforme cada qual.

Já no exemplar seguinte, de 24 de junho de 1983, número 683, nas páginas 15 e 16, com um título bem chamativo em caixa alta e cor vermelha, “**Obrigado, Doutor!**”, que se referia ao não dito por Sócrates em deixar o Corinthians e ir a Roma, pois ali se nota a liberdade do jogador dentro do clube, o próprio fato do medo de ir para Itália e trocar de time, pois não sabe que regime lhe espera, e assim explica que a “democracia corintiana é vital para mim”.

Já no mês seguinte, em 08 de julho de 1983, mais um exemplar, o de número 685, que traz na página 46 uma entrevista feita pela Placar e assinada por Sérgio Carvalho, com o ex-técnico da seleção brasileira, e num dado momento o repórter pergunta, “você conhece a democracia corintiana?” (PLACAR, 1983, p. 46), e numa resposta aparentemente seca, diz “nem sei o que é democracia no Brasil, muito menos no Corinthians” (PLACAR, 1983, p. 46), diz mais, “liberdade se conquista, não se impõe” (PLACAR, 1983, p. 46), e que “o jogador precisa ter consciência de seus

deveres, isto é fundamental numa democracia” (PLACAR, 1983, p. 36). Logo mais em sua página 73, numa parte destinada a dúvidas dos leitores, se vê a pergunta: “Folheei vários dicionários e não consegui, em nenhum deles, confirmar que anarquia seja sinônimo de democracia” (PLACAR, 1983, p. 73) e logo mais a resposta, “Não, Clóvis, não é não” (PLACAR, 1983, p. 73).

Já na revista seguinte, datada do dia 15 de julho de 1983, de número 686, uma pequena menção a democracia corintiana, no canto inferior da página 38, com título “**As novas camisas do Timão**”, destaque para a volta da “Democracia Corintiana” escrita nas costas e com maior destaque e caracteres maiores, já na parte da frente, a confiança estampada pelo bicampeonato. Neste mesmo exemplar, na sua página 50, um texto que se referia a força da torcida Gaviões, intitulado, “**A liberdade deve ser preservada a qualquer custo**”, e desta forma, nas eleições da chapa Democracia Corintiana, o apoio da torcida era maciço, pois “Isso em geral assusta aqueles que estão acostumados a se aproveitar do futebol e da paixão do povo para seu benefício pessoal” (PLACAR, 1983, p. 50), na fala do sócio número 1 e presidente da Gaviões, o advogado Flávio la Selva.

A próxima referência se encontra já no seguinte periódico, de 22 de julho de 1983, o exemplar número 687, na página 30, traz um texto meio jornalístico, meio entrevista, intitulado “**Os capitães injustiçados**”, referindo-se a Cláudio e Wladimir, mas que coloca mais uma posição sobre a democracia, desta vez na pessoa de Wladimir, o qual tratava do grande peso e da responsabilidade do projeto e sua democracia, como “uma ideia formidável”, que precisaria ser repassada adiante para que não se perdesse o cerne da liberdade, ao passo que se for mudado de time, tanto para jogadores, como para a comissão técnica. Logo no parágrafo seguinte, temos a opinião de Wladimir sobre o assunto referido acima, que expressa a dificuldade em consolidar tal fato citado, “embora o jogador profissional de hoje não seja mais considerado um marginal (...) a experiência corintiana ainda enfrenta muitos preconceitos” (PLACAR, 1983, p. 30). E a partir daí, é mudado o assunto do rumo do texto que se seguiu.

No exemplar de número 690, datado de 12 de agosto de 1983, em sua página 06, assinada por Marco Aurélio Borba, que mais uma vez traz a anarquia presente, pois: “Segundo Vieira, ‘eles também não desejam a anarquia, e sim uma democracia com ordem e respeito’ (...) eles também não desejam a anarquia, e sim uma

democracia com ordem e respeito” (PLACAR, 1983, p. 06). Traz presente ainda indagações do presidente Pires e sua liberdade, mas que,

‘é preciso respeitar a ordem’. Mas, fiel a seu estilo liberal, faz afirmações desse gênero ao mesmo tempo em que abre mão de qualquer intromissão no futebol corintiano, possibilitando involuntariamente, portanto, que os inimigos da democracia desenvolvam ilações que precipitam a crise. (PLACAR, 1983, p. 06)

Ainda assim, não se intromete muito nas questões que dizem respeito ao time, e assim, é reforçada a tese, de que isso possibilita a geração de falsas notícias e “inimigos poderosos” sobre a democracia. E trabalha com palavras do tipo, “discussão coletiva”, “conservadorismo”, existe a ordem, mas ela é “discutida em grupo e aprovada pelos jogadores” (PLACAR, 1983, p. 06). “Não há dúvida que o Corinthians ainda vai sofrer muito olho grande em sua trajetória inovadora. O melhor benzimento é evitar procedência as críticas”.

Ainda para com este exemplar (690), vale dizer que também haviam contradições dentro deste elenco, discordâncias, na página 17, intitulado “**A conquista da democracia**”, em um texto aparentando ser mais atrativo que os demais, e que ocupa mais de uma página, assinado em conjunto por Sérgio Martins e Paulino Senra, isso é tratado em referência a contratação de Leão, que era tido como um reacionário para ser o novo arqueiro, e goleiro do time. Porém, houveram tumultos, muitos diziam que a contratação não foi feita da maneira que era tratada ultimamente dentro do clube, via a consulta; mas afirma o presidente: “*Para mim, dentro das limitações de minha memória, houve a consulta popular. E eu votei a favor: o Corinthians precisava de um goleiro da qualidade dele*” (SÓCRATES, GUZZI, 2011, p. 115). Ali sabemos o presidente tentou algo diferente, questionou somente aqueles que já haviam trabalhado com o goleiro, em torno de cinco pessoas, e isso revoltou a muitos (SÓCRATES, GUZZI, 2011, p. 116), como o zagueiro Mauro, foi um que discordou, dizendo: “Ele é apenas uma pessoa que luta pelos seus ideais” (PLACAR, 1983, p. 17). Mas a revista traz os dois lados da moeda, o período pré-contratação e pós-contratação, ali Mauro diz: “A gente ouviu tanta coisa que acabou julgando-o sem conhecer” (PLACAR, 1983, p. 17).

Continuando neste texto um dos subtítulos chama “**Realidade aceita: sua contribuição é indispensável**”, aqui já surge a comparação de uma “nova filosofia”,

ou comparações que o liguem a parte “conservadora” do clube, aqui referindo-se ainda ao goleiro Leão, e são suas estas palavras grifadas. Adílson Monteiro Alves, atual vice-presidente do Corinthians e tratado pela revista como “maior avalista” da democracia corintiana, e quando se refere a Leão: “Ele é realmente muito conservador” (PLACAR, 1983, p. 17), mas acrescenta “acredito que o grupo esteja passando-lhe coisas novas, assim como ele está passando para o grupo outras coisas” (PLACAR, 1983, p. 17). Nas palavras do jogador, “todo mundo pode entrar no Corinthians de hoje, mas o difícil é permanecer no grupo” (PLACAR, 1983, p. 17), dando a deixa de que a partir dele, se tumultua um pouco mais o espaço dentro daquele projeto sonhado.

Já no próximo exemplar, o de número 691, datado de 19 de agosto de 1983 traz em página 33, escrito por Emmanuel Públio Dias, um texto com título em caixa alta, “**A democracia é o próprio gol**”, ali uma parte é bastante chamativa, pois diz “Os formadores de opinião pública têm uma imensa responsabilidade nestes tempos de abertura: ensinar que a democracia é melhor que a ditadura. Com saques ou sem saques” (PLACAR, 1983, p. 33). Já em outro momento, faz a comparação que “se o autoritarismo ganhasse campeonato, terminariam todos os times em primeiro lugar, menos o Corinthians que seria vice-campeão” (PLACAR, 1983, p. 33). Teme a volta do autoritarismo, fala novamente em obstáculos e percalços, inimigos fortes e incansáveis, diz: “E pior: deixando permear pela sociedade conceitos e desconfianças que permitem a volta triunfal do poder autoritário anterior. Seja no Corinthians, no governo do estado, na CNBB, ou no grêmio da escola” (PLACAR, 1983, p. 33). E num subtítulo ressalta “**O Corinthians dura até hoje porque o povo acredita**”, e reforça “É preciso um alerta para não fazermos o jogo dos inimigos da democracia” (PLACAR, 1983, p. 33). Assim trabalha a questão de que a democracia gera “lucros e votos”, e isso incomoda os autoritários do esporte brasileiro.

Em 2 de setembro de 1983, no exemplar de número 693, cita-se um ex-jogador corintiano, Daniel, no subtítulo que chama “**No Vasco ele quer aperfeiçoar a democracia**”, e ali se diz que: “erramos ao adotar o termo democracia, que atraiu atenções da maneira errada e causou polêmicas desnecessárias. Projeto Vascaíno talvez seja uma boa denominação” (PLACAR, 1983, p. 36). Mas também, coloca as suposições em cima do zagueiro, de chagar para assumir o protagonismo do time,

mas ele diz que não veio para isso, nem para comparar Sócrates a Roberto Dinamite, ídolo e jogador do Vasco da Gama.

Já no próximo exemplar, o de número 694, de 09 de setembro de 1983, que era mais uma entrevista com o jogador Sócrates. Aqui ele concorda com o que diz o zagueiro Daniel, citado no parágrafo acima, mas discorda também, diz que a escolha do nome pode ter sido errada, mas diz que “democracia deve ter esse nome mesmo” (PLACAR, 1983, p. 19), mas isso provoca a fúria de muitos, principalmente das “forças antidemocráticas do país”. outro problema percebido por ele e trazido na entrevista é que muitos jogadores ainda estão acostumados aos pleitos antigos e paternalistas do futebol, e diz numa frase que na revista está bem ressaltada, “Se não jogasse como Sócrates, já teriam me derrubado” (PLACAR, 1983, p. 19). Em outra frase bem destacada ressalta que “Meu sindicato foi omissos na greve geral. Isso eu não admito” (PLACAR, 1983, p. 19), referindo-se ao sindicato dos jogadores, ao qual tem representatividade.

Em 16 de setembro de 1983, no periódico de número 695, se via num texto pequeno de canto de página, com um pequeno parágrafo intitulado “**Em apoio à democracia corintiana**”, na página 44, o texto aqui recebe pouca aparência dentro da revista, bem como na página, pois encontra-se no canto inferior da mesma, a ênfase aqui é quase inexistente, talvez porque reforça o apoio a algo que se queira esconder. Aqui o apoio veio de alunos do curso de Educação Física da Universidade de São Paulo, “enviaram a diretoria do Corinthians um abaixo-assinado de apoio à proposta da democracia corintiana, que qualificam de ‘um processo de participação real e concreto, (...) de interesse de todos aqueles que lutam pela democratização da sociedade brasileira’ e ‘uma meta a ser alcançada por todos’ (PLACAR, 1983, p. 44)

Desde o último exemplar trazido, passaram-se mais cinco para que algo pudesse ter chamado a atenção, desta vez no exemplar datado de 21 de outubro de 1983, e número 700, intitulada “**O esporte brasileiro já começa a mudar**”, na página 33 e assinada por Márcio Braga, que já no seu primeiro parágrafo, diz que o país está a “marcha do pleno restabelecimento democrático. E segue escrito, “Se durante os anos mais negros do arbítrio encontrei no esporte minha forma de expressão, convoco todos os desportistas brasileiros a ingressarem na luta pela democracia” (PLACAR, 1983, p. 33).

A próxima aparição de cunho o qual procuramos se dá no exemplar 703, datado de 11 de novembro de 1983, intitulado de “**Vamos mudar o futebol**”, na página 22, já se inicia trazendo comparações, bem como, “o voto unitário deve cair. O voto unitário que parece ser democrático, mas não passa de um instrumento para a ditadura das minorias, é aquele que iguala o Corinthians ao Juventus” (PLACAR, 1983, p. 22). Continua comparando quando fala que “somos um país muito mais acostumado ao autoritarismo do que à democracia” (PLACAR, 1983, p. 22), isso também vale ao futebol, ainda “arcaico e irracional”, e que espera a solução “vinda de cima”, de uma estrutura paternal.

Neste próximo exemplar, o de número 704, de 18 de novembro de 1983, aparece na página 03 a primeira referência a “eleições diretas”, num texto intitulado “**Nosso futebol ainda despreza a maioria**”, na página 03, escrito por Juca Kfourri, e segundo os escritos na revista, “estão na ordem do dia” (PLACAR, 1983, p. 03), aqui refere-se as eleições, ainda que seja para técnico da Seleção Brasileira, mas também, em seu primeiro parágrafo, faz a comparação com o governo e as eleições presidenciais.

Para este exemplar acima ainda, logo ao lado da página 57, percebe-se um texto com o título “**Os jogadores analisam a democracia corintiana**”, aqui se mostra uma pesquisa feita por alunos da PUC-SP, com jogadores do Corinthians, que geraria um trabalho ao qual dariam título de “Democracia corintiana: uma luta pela classe” (PLACAR, 1983, p. 57). Esta pesquisa teve como respostas, que “50% dos jogadores acham que a democracia corintiana incomoda a imprensa reacionária”. Outros 50% acham que é pelo fato de ela ameaçar o poder da imprensa, “56,6% definem democracia como ‘liberdade, respeito, responsabilidade’. E 43,75% dizem que democracia é consciência e responsabilidade. E outros 62, 5% admitiram a participação dentro deste processo de democracia no clube, contra outros “25% de participação passiva e 12, 5% de participação relativa”.

No exemplar 707, de 09 de dezembro de 1983, numa coluna chamada “**Histórias do futebol**”, na sua página 57, trata diretamente do clube Vasco da Gama, ao referir-se de uma suposta tentativa de se implantar ali, um processo parecido ao da democracia corintiana, mas que foi abafado e “dado o golpe”, parecido ao de 1964, aqui com este golpe no clube, foi se “acabando com as liberdades e implantando uma ditadura com o treinador Oto Glória. Este, investido do poder absoluto, chegou a se

confessar um fascista” (PLACAR, 1983, p. 57). E assim vai o time caindo de produção, aparecem “boletins comparando as campanhas de Corinthians (...) e do Vasco da Gama” (PLACAR, 1983, p. 57), que foram praticamente os opostos, um quase sempre ganhando (Corinthians) e o outro perdendo mais que ganhando (Vasco). “Parece que a ditadura está com os dias contados” (PLACAR, 1983, p. 57).

Depois deste, vamos para o dia 30 de dezembro de 1983, com o exemplar de número 710, logo na página 04, muito bem animada e diagramada, destaca-se o bicampeão Corinthians, matéria esta intitulada “**A democracia vence de novo**”, escrita por Mauro Sérgio Della Rina, “A nação alvinegra mudou, por dentro e por fora. Mais que resultados em campo, as ideias propostas por Sócrates e seus companheiros curaram até as neuroses da Fiel” (PLACAR, 1983, p. 04). Logo mais, na página 06, e num texto que se intitula “**Corinthians**”, se nota que recebe grande atenção o tema, pois são dedicadas mais que uma página para a matéria em si, e contínua, uma grande foto dos jogadores entrando em campo, para o jogo da final contra o São Paulo com a faixa que dizia: “Ganhar ou perder, mas sempre com democracia” (PLACAR, 1983, p. 06), e na legenda da foto a inscrição, “O Timão entra em campo. Nas mãos (e no pensamento), uma lição para toda a sociedade” (PLACAR, 1983, p. 06). Aqui o espaço da matéria foi em si dedicado ao favorito Corinthians, mas sempre se cabe, e com toda a pompa da faixa falar em democracia, e Sócrates com sua habilidade dentro e fora de campo, também esta é uma ressalva da revista.

Na primeira revista do ano de 1984, dia 06 de janeiro, número 711, num chamado “**1983, o ano do esporte**” (p.57) no ponto 15, referindo-se ao Futebol, em especial ao Corinthians, aparece “O Conselho Nacional de Desportos proíbe inscrições de conteúdo político no uniforme dos clubes, vetando, assim, a expressão ‘Democracia Corintiana’ (PLACAR, 1984, p. 64).

No exemplar de número 712, de 13 de janeiro de 1984, vê-se uma entrevista feita pela Placar com Chico Buarque e que leva o título de “**Ideia: jogadores com contratos humanos**”, na página 31, que no fundo o questionamento principal se dá em torno de “*No dia em que o futebol brasileiro melhorar, não vai voltar a servir de tema para músicas?*” (PLACAR, 1983, p. 31) e este diz que “o futebol brasileiro está difícil assistir” pois os jogadores, segundo ele o jogador não tem um “contrato humano”, mas “pelo menos no futebol isso já tem começado no Corinthians, com sua democracia” (PLACAR, 1984, p. 31), pois “o importante é cada um batalhe por um

contrato mais humano em sua área. Essa consciência é uma coisa nova no futebol” (PLACAR, 1984, p. 31).

Ainda aqui, se percebe outro fator contra a liberdade do e no futebol, na página 20, no texto intitulado “**Os baixinhos estão por cima**”, que se refere a alguns gaúchos cronistas que tratam do futebol, como se fosse um esporte para pessoas altas e fortes, sem dizer que supostamente os negros não teriam vez, só que isso romperia com a beleza do esporte, e acabaria com a sua gene participativa, porém, distorcida, pois: “Uma das facetas que determina a popularidade do futebol no mundo todo é fato de ele ser um esporte coletivo e democrático” (PLACAR, 1984, p. 20).

Neste mesmo exemplar, já se vê em outro time, tentando colocar o projeto democrático em campo administrativo, agora na página 57, numa margem bem pequena e intitulado, “**Contra a ditadura, democracia coritibana**”, aqui a disputa era pela presidência do clube, com o nome da chapa bem sugestivo, “A democracia coritibana”, e ainda traz o apoio de dois campeões das décadas de 40 e 50, para afirmar ainda mais a ideia da chapa que se queria eleger.

No exemplar de 02 de março de 1984, número 719, na página 31, assinado por Marcelo Duarte, e intitulado “**Um astro ofuscada**”, trata que após a saída do Corinthians o goleiro Leão, diz que ainda é muito procurado pela imprensa/ mídia para falar da democracia corintiana e suas indagações, “mesmo diante de evidências em contrário” (PLACAR, 1984, p. 31), como expõe a revista.

Neste mesmo exemplar, página 41, aparece outro clube deixando aparecer evidências de certa democracia em seus pleitos, “ainda distante da que se pratica no Corinthians, que de certa forma inspirou a experiência no Beira-Rio” (PLACAR, 1984, p. 41), desta vez então, o Internacional de Porto Alegre. “Com toda a minha idade, afinal, nunca votei para presidente. Quero eleições diretas e democracia plena” (PLACAR, 1984, p. 41), afirma Mário Sérgio de 33 anos e jogador do Inter. Mauro Pastor jogador do Inter, é outro a concordar e diz também: “Aqui no Sul, a imprensa e o público ainda não aceitam a democracia num clube de futebol” (PLACAR, 1984, p. 41). Trabalha com a questão de que democracia também tem que saber ouvir discordâncias, a “liberdade para discordar”. Traz a opinião do presidente do clube, filiado ao PDS, o empresário Roberto Borba, e que “tem colaborado com o embrião da democracia colorada”, mas diz que respeita a democracia, “só não aceito que os

jogadores façam manifestações políticas, pois temos que respeitar inclusive as divergências de opinião entre os próprios torcedores” (PLACAR, 1984, p. 41). Mas também tem aquele(s) que discordam, como o centroavante Milton Cruz, que diz: “A democracia corintiana é furada, cada um faz o que quer. Aqui não tem nada disso não” (PLACAR, 1984, p. 41). E faz o fechamento do texto dizendo que a camisa do Inter carrega todos os lados de opinião, “democraticamente”.

No exemplar seguinte, de 09 de março de 1984, já na página 24, cita a crise econômica pela qual o Brasil vem passando, para ser mais exato fala-se disso numa entrevista com Zico, se expressando, fala da tristeza do povo brasileiro, e quando perguntado sobre as diretas, diz: “Se houver eleições diretas e eu estiver na Itália, volto para votar. Nosso povo precisa gerir sua vida” (PLACAR, 1984, p. 24), e fala em “votar para presidente para este nosso povo é novamente sorrir de alegria” (PLACAR, 1984, p. 24).

Seguindo em frente, aparece o texto “**O Botafogo representa bem o Brasil de hoje**”, na página 33, escrita por Sérgio Augusto, que coincide e expressa: “o começo da crise alvinegra coincide, ainda, com o fim do milagre econômico brasileiro” (PLACAR, 1984, p. 33). Passando mais algumas páginas vemos o que foi chamado de “**A abertura colorada**”, na página 40, assinada por Nilson de Souza, com fotos do time e que segundo a Placar, pelo simples fato de o lateral Alves fazer uma preleção, foi se cominando sobre “o movimento de abertura existente no clube, logo batizado de democracia colorada pela imprensa gaúcha e apelidado de democrasani pelos gozadores e incrédulos” (PLACAR, 1984, p. 40). Mas que isso pode ser entendido de muitas formas, como diz a revista, de modo “lento e gradual”, e ainda expõe os pedidos e opiniões dos jogadores perante a sua diretoria. Neste mesmo exemplar a revista traz uma suposição no texto com título “**Agora, vai esquentar**”, e que já começa incitando quando escreve: “Da mesma forma que ainda não se encontrou nenhum regime político melhor que a democracia, que os gregos já praticavam há mais de 2 000 anos” (PLACAR, 1984, p. 05).

No dia 23 de março de 1984, o exemplar de número 722, saía as bancas e trazia em sua página 16, um texto com título “**Raimundo Vieira de Oliveira**”, ou como a revista trata “Seu Raimundo”, que é pai de Sócrates, aqui se tem uma foto bem grande de Sócrates, e na legenda traz a seguinte inscrição: “Segundo seu Raimundo, Sócrates quer ficar para contribuir no momento político do...” (PLACAR, 1984, p. 16),

tentando insinuar algo, mas... o texto refere-se a saída de Sócrates do Corinthians, no fundo retrata a dúvida do jogador em deixar o clube. Já para Sócrates, que vê e crê que sua saída pode ser prejudicial e assim fazer por deixar todo o seu projeto para trás, o projeto de mudança e “desenvolvimento político do país e da própria classe dos jogadores profissionais, através da campanha pelas eleições diretas para presidente da República e da chamada democracia corintiana” (PLACAR, 1984, p. 16).

Na página 17 deste exemplar acima citado, traz o apoio de jogadores, e também torcedores do Corinthians, aqui se fala de Solito, como jogador e torcedor, no texto intitulado de “**A certeza de que o lugar é seu**”, que se diz a favor da democracia corintiana a favor das eleições diretas. E aqui aparece com muito mais força a expressão pelas diretas para presidente da república, antes as incitações eram para presidência de clube, mas nada de política com vínculo de governo. E na página 43, deste mesmo trabalho, a segunda tacha pelas diretas, com uma imagem de Pelé e uma réplica da taça Jules Rimet em comemoração no México e a inscrição para a foto dizia: “pedindo eleições diretas para presidente” (PLACAR, 1984, p. 43), e Pelé passa proclamando várias vezes “pelas diretas”, que inclusive é o título do texto ao qual analisa-se agora.

Em 30 de março de 1984, o exemplar de número 723, que traz em sua página 38, no textinho chamado “**Pelas diretas com o charme de Dada**”, bem na parte inferior da página, uma foto de Dario ou Dada Maravilha do América Mineiro, como mais um jogador profissional a se declarar as Diretas Já, com o Palácio da Liberdade ao fundo e na página 40, em uma entrevista com Bellini, que critica e considera haver abusos na democracia corintiana, que diz em sua entrevista “sou contra um jogador que falta a um treino para participar de um comício (...) com exceção de Sócrates, uma pessoa muito esclarecida, foram poucos os jogadores que se envolveram nesse movimento” (PLACAR, 1984, p. 40). E quando questionado sobre ser a “favor das eleições diretas?” (PLACAR, 1984, p. 40) ele diz “sou, acho que o povo deve participar da escolha de seus governantes e colaborar com o governo” (PLACAR, 1984, p. 40), e quando o perguntam se participaria de “passeatas pró-diretas” ele diz que talvez, bem discretamente. Outra pergunta que o fazem é: “Você condena a politização de atletas e seu engajamento na campanha?” (PLACAR, 1984, p. 40), ele responde:

“Cada um faz o que quer fora de campo, desde que não prejudique sua carreira” (PLACAR, 1984, p. 40).

Uma outra coisa que chama a atenção no exemplar datado de 06 de abril de 1984, de número 724, é que aparece na sua capa, uma imagem das camisas dos maiores clubes no ano, e uma bem ao lado satirizando a campanha da Diretas Já, que ao invés de trazer tal slogan, trouxe um que dizia “Emoções Já”, referindo-se as tensões e jogos dos clubes naquele ano.

Em 13 de abril de 1984, no periódico de número 725, de título, “**Jogadores querem Telê**”. Situa-se menção de Wladimir, que na página 29, faz referência à democracia corintiana, porém, ali atuando pela seleção brasileira e como bom profissional segura em suas mãos um adesivo pedindo “Diretas já”. Expressa a preocupação de jogador em função de seu desejo para que todos os atletas pudessem votar, se interessassem pelo voto. Logo à frente na página 56, uma deixa chamada de: “**Corinthians firme nas diretas**”. Em meio a propagandas de outras revistas da Editora Abril, e notícias de outros esportes, como o handebol, bem no cantinho de baixo da página aparece então resquícios da repressão governamental, onde escreve a revista:

Na semana passada, o vice-presidente do Corinthians, Orlando Monteiro Alves, desmentiu o boato de que o clube recebera ordens de Brasília para breca a campanha pró-diretas, da qual os jogadores participam usando caneleiras e fitas amarelas. ‘O Corinthians é apolítico, mas não podemos proibir que eles se manifestem e exponham suas idéias’. (PLACAR, 1984, p. 56)

Na revista de 20 de abril de 1984, de número 726, a capa expõe uma foto de Pelé posando para a Placar com uma camisa da seleção brasileira de futebol e nela a inscrição “Diretas Já”. Ele supostamente estava na capa pelo fato de estar de “cabeça nova”, ou novo corte, ou talvez pelo fato do seu chapéu, ou...

No que se refere ao periódico de 27 de abril de 1984, de número 727, já traz em sua capa uma foto de Sócrates, trajado de imperador, e em seu sumário, na página 03, um texto chamado de “**Dom Sócrates e as eleições diretas já**”, escrita por Juca Kfourri. O autor fala de Sócrates em especial, e diz que o célebre jogador não saiu do Brasil pelo seu “direito de votar”. Traz já em seu início uma pesquisa feita pela Placar, que levantou um número de 6,5 milhões de corintianos maiores de dezoito anos, e

então, aptos a votar. Continua a escrita dizendo: “Este respeitável contingente eleitoral tem mais um motivo para fiscalizar a atuação dos parlamentares que decidirão, dia 25 próximo, se o Brasil terá eleições diretas já” (PLACAR, 1984, p. 03).

Logo mais na página 06, faz breve referência a passeata pelas diretas, no dia seguinte ao jogo na Vila Belmiro, calando assim o técnico Formiga, o médico Carlos Braga e o preparador físico Celso Diniz. Cita a manifestação no Vale do Anhangabaú, que teve milhares de pessoas participando deste ato em São Paulo e sua referência se encontra numa entrevista intitulada “**O dia do fico do rei corintiano**”, na página 37. Neste trecho traz novamente a foto de Sócrates trajado de Imperador, e trabalha dizendo que as diretas podem ser um caminho também para o futebol, como um agente transformador. Numa pergunta sobre o ato: “Porque no comício só tinha jogador do Corinthians? O Juninho, o Ataliba, o Casagrande, o Wladimir e o Alfinete, que jogou lá?” (PLACAR, 1984, p. 37) Ele responde: “Porque este é um processo lento. À medida em que o próprio povo vai ficando mais consciente de seus direitos, o jogador de futebol também vai ser influenciado por isso e vai acompanhar o processo” (PLACAR, 1984, p. 37) e diz que: “Talvez sejamos a categoria mais impregnada daquele conceito idiota de que a política é para os políticos e que esses não são sérios” (PLACAR, 1984, p. 37), mesmo tratando o período do futebol ali como “reacionário”.

Este dia ficou marcado, o dia do Fico, com quase dois milhões de pessoas pelas diretas já. Escrito na revista: “que ninguém duvide, se as diretas não resolverão os nossos problemas, serão o primeiro passo para tanto. Até nos esportes”, (PLACAR, 1984, p. 38). Segue com a entrevista com o doutor Sócrates, este começa a ser questionado sobre a sua posição em ficar no Brasil, independente de qual profissão seguirá. O mesmo condicionou sua permanência no Brasil conforme aprovação da emenda Dante de Oliveira, ou as Diretas concretizadas. Expressa querer “ficar no meu país para participar da reconstrução dele” (PLACAR, 1984, p. 38). E incita sobre as diretas, dizendo: “Mas esperar o quê? Porque não já? Se as diretas são um desejo unânime, por que não já?” (PLACAR, 1984, p. 38) e quando questionado sobre quem seria o presidente, Sócrates responde: “Quem o povo escolher” (PLACAR, 1984, p. 38).

Na página 40, desta mesma entrevista, se nota que aparece uma foto de Sócrates com as cores das diretas. No decorrer da entrevista, fala sobre o dinheiro, e

que ele não faz falta como pensam, “não tem essa importância” (PLACAR, 1984, p. 40), tudo trabalho. Traz comparações relativas a estruturas capitalistas de trabalho, de geração de lucro e mais-valia. Relatado assim: “Se você trabalha bem tem uma remuneração em troca disso. Se trabalha mal, ocorre o mesmo, em qualquer atividade profissional que seja, pelo menos numa estrutura capitalista” (PLACAR, 1984, p. 40), sabendo que incomodam, pede “Diretas já, diretas ontem” (PLACAR, 1984, p. 40). Mais à frente, na parte que cabe as cartas dos leitores, um deles com 15 anos se diz feliz, e quer votar a presidente, porém, expressa decepção com “Jorge Valença, do Atlético Mineiro, que acha que o povo não sabe votar” (PLACAR, 1984, p. 40), o garoto ainda brinca em dizer, na sorte que ele não se elegeu vereador em Belo Horizonte.

Quatro exemplares se passam, chegamos ao de número 731, de 25 de maio de 1984, “**Até a volta, Magro!**”, escrito por Juca Kfourri. Num texto de despedida ao doutor, que na página 21, duas fotos de Sócrates (uma imagem pela seleção e outra pelo Corinthians), o autor questiona ao Doutor sobre que “nota” ele daria ao “futuro presidente João Figueiredo”, que passaria suceder a Ernesto Geisel. Sócrates então dá nota 10, por conta de que Figueiredo anunciou que: “faria deste país uma democracia” (PLACAR, 1984, p. 21). Seis anos mais tarde, quando questionado pela Placar. Neste exemplar, seis anos depois responde que não daria nota alguma pelo fato de que Figueiredo, não representaria a nação, e não havia tido gosto pela política. Fala mais deste doutor e passa a chama-lo de “Magrão”, uma pessoa incoerente, que sempre mudava de opiniões, mas diz que: “nas questões mais importantes sempre estive ao lado certo” (PLACAR, 1984, p. 21). Passa a dizer que aquele doutor amadureceu muito e que “foi fundamental para a implantação da vitoriosa Democracia Corintiana” (PLACAR, 1984, p. 21). Fala que apesar de médico ele é ainda um bom escritor, referindo-se ao *Diário da Copa*, o qual ele escreve para a Placar. Vimos que a Ementa Dante de Oliveira não fora aprovada e assim sendo nesta parte se fala da saída de Sócrates e sua assinatura de passe para a Fiorentina. Só restando a pergunta, o que será da democracia corintiana?

Em 01 de junho de 1984, no periódico de número 732, o que se vê é uma entrevista para Moacir Japiassu com Adilson Monteiro Alves, vice-presidente do clube. Este é sociólogo do clube Corinthians e dado como o responsável por manter o projeto democrático corintiano mesmo após a saída do seu maior ídolo, Sócrates que foi para a Fiorentina. Este trecho está situado na página 35 e no centro da página traz uma

foto do Adilson, com um título bem sugestivo: **“Não há perigo de golpe no Parque São Jorge”**, e a inscrição que diz: “Foi-se o líder Sócrates, foi-se a Copa do Brasil, a oposição abre baterias, mas o homem que implantou a democracia no futebol está tranquilo” (PLACAR, 1984, p. 35). Pois segundo Adilson, “Nosso sistema de trabalho não está em jogo, nunca esteve em jogo. Quem ganha ou perde é o time, não a democracia” (PLACAR, 1984, p. 35). Ele ainda reforça a ideia de que a democracia vai continuar, pois ela vence pelo simples fato de ser libertária, mas também por romper os meios autoritários e arcaicos do futebol, “cuja a estrutura é mais antiga que a bola” (PLACAR, p. 35, 1984). Respalda várias vezes que a democracia não tem culpa por derrotas do clube e reforça quando diz: “Agora, quem não gosta de democracia fica esperando o time perder para criticar o sistema de trabalho. É normal temos de conviver com essas coisas” (PLACAR, 1984, p. 35). Uma pergunta da Placar faz referência que no fundo expressa o medo que muitos tem, *“medo de que a democracia se transforme em ditadura, por força de um golpe...”* (PLACAR, 1984, p. 35). Adilson responde: “Bom, as democracias, pelo menos deste lado de cá costumam ser ameaçadas e acabam caindo. Mas é diferente quando se fala em futebol. Veja você: se o Brasil se tornar uma democracia, é impossível resolvermos todos os problemas em 90 minutos, não é?” (PLACAR, 1984, p. 35). Aqui se vê várias colocações que comparam a democracia no clube a uma possível democracia no e para o governo.

Logo mais à frente na página 36, ele continua a dizer e falar sobre o conservadorismo dos clubes, coloca as experiências passadas como um aliado no caminho para a construção da liberdade com respeito aos profissionais. Retrata os vínculos de amizade, traz as experiências de “grêmios recreativos; e também na União Estadual dos Estudantes e na UNE. Digamos eu minha experiência era suficiente para condenar todo e qualquer processo autoritário, violento, dentro ou fora do futebol” (PLACAR, 1984, p. 36). Logo mais, esclarece que o autoritarismo está na estrutura do futebol e completa/garante: “se o Brasil chegar a democracia plena, um dos últimos redutos de resistência será o futebol, sem a menor dúvida” (PLACAR, 1984, p. 36). Continua dizendo na entrevista que a participação deve ser coletiva.

Mais uma vez aparece a desvalorização do jogador de futebol como profissional e como pessoa que deve pensar. Isso se apresenta na frase que leva destaque na página 38, “Jogador costuma ser tratado como criança ou bandido” (PLACAR, 1984,

p. 38). Esta frase pode ser entendida de várias formas, mais à frente ele reforça que: “talvez porque os jogadores tenham começado a ser tratados profissionalmente (...) fiz questão de tratar todos eles como homens, como profissionais. Nada de paparicação nos vestiários” (PLACAR, 1984, p. 38). Afirma ainda que no clube se preza a verdade, tanto que no episódio da contusão de Sócrates numa pelada beneficente de futebol de salão em Ribeirão Preto e o clube entrando “numa fase delicadíssima do campeonato brasileiro” (PLACAR, 1984, p. 38). Setores vinculados ao esporte reagiram contra a decisão de expor o real fato, por ter sido dita a verdade, este é o desabafo trazido na revista, no relato: “Era fácil pegar o Sócrates, botá-lo num treino, inventar que a contusão aconteceu ali e pronto” (PLACAR, 1984, p. 38), a sua ressalva é pela verdade do clube. E quando questionado sobre se a democracia “serviria para a seleção brasileira” (PLACAR, 1984, p. 38), diz que: “É o sistema ideal para qualquer clube, para a Seleção e para a sociedade brasileira. Não há contraindicações para a democracia” (PLACAR, 1984, p. 38).

No mesmo exemplar e num texto que se referia a final do campeonato entre Fluminense e Vasco, num subtítulo “**Dinamite contra o juiz**”. Neste texto uma coisa chama a atenção, num de seus parágrafos, bem ao canto da página 06 e que fazia questão de expor a quantidade de torcedores, expectadores presentes no estádio, num número de 128 781. Essas ressalvas em uma das partes se dá para reclamar do juiz e sua arbitragem no jogo, mas em outro momento está escrito que: “A rigor, as vaias que o trio recebeu só perderam em intensidade para o surpreendente coro de ‘diretas já’, que uniu as duas torcidas e cobriu os acordes do Hino Nacional” (PLACAR, 1984, p. 06).

No periódico de número 734, do dia 15 de junho de 1984 na página 07. Um texto referindo-se a Seleção Brasileira e nele aparece uma crítica ao governo. Percebe-se que as cobranças para com o regime começam a aumentar e ser mais tendenciosas dentro do futebol, desde competições nacionais de clubes, até nas competições que levam participação da Seleção. Para exemplificar isto, à má apresentação diante dos ingleses, levando Roberto Dinamite em saída do Maracanã, com toda sua intriga vindas de cobranças da torcida, desabafa dizendo: “Tudo bem fomos mal. Mas, se a torcida cobrasse do governo como cobra da Seleção, o Brasil não estaria nessa” (PLACAR, 1984, p. 07).

Neste mesmo exemplar, outras páginas chamam a atenção, nas proximidades das páginas 26, 27 e 28, e intitulado de “**O Artilheiro Anarquista**” (p.26). Este escrito se refere ao jogador Reinaldo, e seu “futebol livre”. Em depoimento a Marcelo Rezende, o jogador diz não ter ido a Copa pelo fato de haver repressões contra ele, mas também porque ele “era o único jogador a falar de política e repressão neste país”. Segue trazendo que “busca crescer politicamente. Atualmente, leio Proudhon (...) *um teórico socialista francês do século passado, de influência anarquista, para quem a ‘propriedade é um roubo’* (...) e Lafarghe *era teórico e militante do socialismo* (...) Poderia me definir como um anarquista-socialista” (PLACAR, 1984, p. 28). E continua dizendo:

Afinal só se muda um país a curto prazo se correr sangue (...) Não adianta só gritar nas ruas – e eu gritei pelas diretas – porque a classe política é desmoralizada, ilegítima e vive de conchavos. Precisamos nos fortalecer em núcleos, convocar uma Assembleia Constituinte, ter liberdade democrática absoluta e não artificial. Só assim o Brasil retomará seu caminho de grande país. (PLACAR, 1984, p. 28)

Na revista do 29 de junho de 1984, exemplar número 736, num espaço das dúvidas tidas pelos leitores na página 65, aparece o questionamento sobre o processo democrático vivido pelo Corinthians, e diz “Nós, torcedores pró-democracia corintiana, estamos preocupados com a crise interna do alvinegro. Será que as declarações do presidente Waldemar Pires, de que a democracia será mantida, podem ser levadas a sério?” (PLACAR, 1984, p. 65). Porém aqui o assunto aparece sem resposta ao questionamento.

No primeiro exemplar do mês de julho de 1984, do dia 06 e número 737, traz em sua página 48, um pequeno texto de três parágrafos e que faz referências a democracia corintiana, e está intitulado de “**Democracia firme**”, aqui tratava de uma reunião do “Conselho Consultivo do Corinthians (Cori), aberto pelo presidente Waldemar Pires que, *enfático*, rememorou a situação difícil em que encontrou o clube quando assumiu a presidência” (PLACAR, 1984, p. 48). E frisa muito mais firme que assim sendo refere-se, “que não vê motivos para alterar a vitoriosa democracia corintiana” (PLACAR, 1984, p. 48).

Neste mesmo exemplar, aparece logo mais à frente, na página 66, naquele mesmo espaço dedicado aos leitores e suas cartas, um questionamento, uma inquietação, de um leitor, que fazia o seguinte questionamento a revista: “Quero

protestar sobre a prepotência do sr. Dílson Guedes, diretor de futebol da CBF, que pensa ser o dono da Seleção Brasileira, o homem que decide, em lugar da comissão técnica, quem deve ser cortado ou não. Afinal, estamos ou não numa democracia?” (PLACAR, 1984, p. 66).

No dia 13 de julho de 1984, no periódico de número 738, percebe-se numa entrevista intitulada de “**A crítica devastadora de um cartola corajoso**” (p. 39), feita à Emmanuel Sodré Viveiros de Castro, ou popularmente conhecido “Maninho”, ali percebe-se algumas colocações, quando o entrevistado é questionado sobre o caso em que “o presidente Figueiredo não deixa cobrar a dívida do Flamengo...” (PLACAR, 1984, p. 40). Então ele responde: “Claro, porque o governo ainda usa o futebol. Na crise atual, com o povo querendo diretas já, o PDS implodindo, Figueiredo sai de Brasília para participar de um almoço pelos anos 70. Isto é ridículo, pois o presidente deveria estar à frente do destino da nação. Mas futebol melhora a imagem e não pede nada em troca” (PLACAR, 1984, p. 40).

No exemplar datado de 20 de julho de 1984, número 739, já traz em sua capa o que se refere a uma entrevista com Tostão, e ali já coloca sua opinião quanto a democracia corintiana. Logo mais à frente, na página 31, traz a explanação de Tostão sobre o que ele acha de eleições de alguns candidatos, e diz que:

o Brasil precisa eleger um presidente da República, que tenha respaldo popular (...) todo mundo está querendo renegociação da dívida externa, melhoria do clima social do país, eleições diretas, democracia. Quer dizer, o Brasil hoje não aceita um presidente que não tenha compromisso”. Se considera politizado e diz mais, “nunca fui uma pessoa alienada”, se diz contra o regime, e fala reforça sempre que pode quando trabalha que o “futebol contribuiu para acalmar as coisas erradas (PLACAR, 1984, p. 31)

No exemplar de número 741, datado de 03 de agosto de 1984, traz presente uma entrevista com o Zico, de nome “**Estão matando o futebol**” (p. 37), que quando questionado sobre o que “acompanhou” da democracia corintiana, o que ele “acha” daquele processo? Ele responde: “Creio que fizeram muito alarde e, para minha surpresa, alguns jogadores importantes – como Biro-Biro, por exemplo – criticaram o processo. Então, fiquei meio desconfiado” (PLACAR, 1984, p. 40). Passa a trazer o exemplo do seu antigo clube, para dar margem ao que queria dizer, e posiciona-se: “No Flamengo, tínhamos democracia, mas ficávamos quietos, pois no Brasil há sempre um fascista de plantão para esculhambar e um ouvido para futricar (...) No

Corinthians, fizeram muita propaganda. E sabe o que mais? Tancredo já” (PLACAR, 1984, p. 40). Termina a entrevista assim.

No exemplar de número 742, datado de 10 de agosto de 1984, trata da entrevista com Waldir Pires, jogador ainda do São Paulo (posto à venda), e intitulada de “**O anti-herói vira herói outra vez**” (p. 43), que retrata o caso do jogador que era tachado como o responsável pela derrota da seleção na Espanha. Aqui ele diz que falta “consciência de *classe*” aos jogadores, pois são também “explorados” e sofrem “todas as injustiças possíveis” (PLACAR, 1984, p. 46). Já para Wladimir, quando perguntado: “*A chamada democracia corintiana tem algo a ver com essa mudança de mentalidade?*” (PLACAR, 1984, p. 46), Wladimir então responde: “Claro que tem. Mas a velocidade de implantação desse sistema depende da mentalidade dos dirigentes de cada clube (...) No fim, a liberdade vai sair ganhando, porque é trabalhando com liberdade que todo mundo rende mais” (PLACAR, 1984, p. 46). E traz ainda a comparação dentre o São Paulo com o Corinthians, dizendo que o São Paulo é um clube onde “há muito elitismo (...) Há uma exagerada discricção, ninguém fala muito...” (PLACAR, 1984, p. 46). E continua ali dizendo que se está “contra”, é logo mandado embora, à “rua”.

E logo mais abaixo, na página 51, onde se refere a saída de Casagrande do Corinthians, e indo por empréstimo ao São Paulo, ali muito se falava de sua ida para o tricolor devido a desafetos com Adílson Monteiro Alves, mas o próprio jogador nega o assunto (SÓCRATES, GUZZI, 2011, p. 70), se vê mais uma referência ao processo democrático corintiano e ao que se passa no São Paulo. Ali, Casagrande passa a elogiar os Cartolas e dirigentes tricolores, mas chama a atenção na parte final do texto que diz: “sabidamente o clube paulista de métodos mais conservadores, o último reduto em que se aplicaria algo semelhante à democracia corintiana (...) Eles não podem ser tão conservadores como dizem. Senão, eles iriam contratar-me?” (PLACAR, 1984, p. 51). Termina dizendo o Casagrande.

Em 10 de agosto de 1984, na página 50, no que diz respeito ao exemplar de número 742, percebe-se no mesmo campo de futebol, porém, com margens diferentes, mas percebe-se num texto intitulado “**Artilheira-manequim**”, que se refere a uma jogadora do Internacional, centroavante, que vira “modelo”. Trata o texto da carreira que a atleta queria seguir, porém, era impedida pelo namorado e “filho de um

suplente do PDS”. “Agora com compromisso rompido – ‘foi melhor mesmo, porque sou a favor das diretas’, afirma” (PLACAR, 1984, p. 50).

Na revista datada de 21 de setembro de 1984, número 748, página 40 e numa entrevista com Nilton Santos, intitulada “**Não tenho esperanças para a Copa de 1986**”, que no fundo trabalha a questão do ex-atleta em aceitar ou não treinar alguns clubes. Mas no fundo, o que se busca aqui é trazer que o próprio Nilton discorda de algumas “liberalidades”, bem como, é a favor da concentração, mas de forma menos pesada do que está praticada agora. Em certo ponto diz que:

acho que em 1982 o Brasil não ganhou o título porque houve muito abuso e liberdade. Levar mulher e filhos... Não tem nada a ver (...) se fosse adversário do Brasil na Espanha, pegava um espanhol daqueles que enchem a cara de vinho e botava-o para atormentar as madames; os negos nem ia dormir direito e no dia seguinte iam pisar na bola. (PLACAR, 1984, p. 40)

4. CONCLUSÃO

Ao passo que se estuda aquele período de 1982 a 1984, tem-se como foco principal o estudo baseado na revista Placar e suas tentativas de relacionar os assuntos políticos com o futebol dentro dos campos da vida.

O futebol é um processo de massa, que por si só atrai os povos a olharem os seus passos e toques para a vida, de forma que: “Em diferentes circunstâncias, o futebol, como fenômeno cultural massivo de particular apreço popular (...), foi foco de discursos que pretendiam emular essa legitimidade” (SAVENHAGO, PISTORI, 2017, p. 58). Mas para muitos, o futebol tem vasta importância no que diz respeito ao *lócus* temporal da vida. Naquele período vivenciado pelo Brasil, de vinte e um anos de prura repressão e violência que ninguém pretende viver novamente. Assim sendo, o futebol brasileiro presenciou muito drasticamente este processo, mas em sua maioria sofreu calado, não respondendo as expectativas de um esporte do povo, que tendia a ser livre.

A Democracia na revista, aparece de fato em 1982 e somente no fim deste mesmo ano. A partir disso, se mostra no montante do processo, quando se referia às eleições para governadores.

Isso era um fato marcante para o período a que se referia, mas sabemos que a importância dada ao tema da Democracia, pode ser considerada de grande relevância se analisarmos o contexto. Os títulos das matérias, quase sempre referendam de forma positiva aqueles processos de luta, o que para o governo, era muito importante que não passasse adiante.

Outro ponto importante a se ressaltar no período estudado, é de fato a Democracia Corintiana. Na revista, ela é a mais assuntada pelos jornalistas e se encontra em termos políticos, diretos ou indiretos, como um dos principais tópicos presentes naquele meio de discernimento e cotidiano do esporte nacional, que era o futebol. A democracia, vinha passando por períodos bastante truculentos, portanto, cabia a quem melhor pudesse adentrar na luta, participar e assim contribuir para com a classe subalterna.

A luta pela liberdade é então o principal foco, mas às vezes passa na revista de uma forma maquiada, pois o próprio governo sente-se incomodado por quem os afronta, não admite críticas e ainda mais nesses meios que adquirem votos e geram muito dinheiro, como o futebol. Este esporte era na época bastante patriarcal, tinha um conservadorismo que era vigente nas presenças diárias de muitos clubes e atletas. A pressão era real e presente, e isso chamava a atenção, ao passo que dá bons frutos, rende resultados, quebra tabus.

Existia muita pressão em cima dos jogadores. Por participarem mais assiduamente e serem mais conhecidos, os jogadores como Sócrates, Wladimir, Casagrande, dentre outros, eram aqueles que mais tornavam o processo a se desdenhar contra o regime, mas para além dos jogadores pode-se colocar a comissão e diretoria do clube. Sabemos que o movimento do estado, foi real e evidente em empelhar no andar para a redemocratização do país.

Pelas entrelinhas, podemos conciliar e perceber que outra coisa muito presente é a censura, os cortes, as demissões. Pois, quando um jornalista trata de um tema e se refere a ele com as palavras “olho grande” (PLACAR, 1983, p. 06), fica a sensação de corte e trauma, ou de um caminho indicado para uma possível censura existente neste meio tão belo e grandioso, de tantas vitórias, que só busca alcançar direitos.

A censura foi um dos meios de repressão mais utilizados do período. A partir do momento que se tem uma regulamentação para anúncios publicitários e de cunho político nas camisas dos clubes, como mais uma jogada da ditadura que não queria abrir mão daquele seio passando a acontecer, rompe com um processo que é legítimo, a exemplo do clube Corinthians, que trazia nas camisas dos jogadores, as seguintes inscrições “Dia 15 Vote”, e “Democracia Corintiana”. (SÓCRATES, GUZZI, 2011, p. 80). Que no fundo foi barrado a expor suas ideias e ideais, para que não viesse com isso, a atingir a sociedade, colocando o povo contra o regime, quebrando os métodos do governo.

Outro fator importante que pode ser levado em conta são os escritos de Juca Kfoury, como já tratado acima, é um dos maiores escritores e jornalistas esportivos. Um dos mais bem-conceituados e também um defensor da democracia corintiana. Em momentos vemos que ele pode ter vindo a sugerir proposições. Pode ter sido dentro

da revista e de seus escritos, um sujeito oculto, porém, presente nas indagações que trazia.

O jogo da ditadura instaurada no país é muito forte, e sabemos que, além disso, o texto, os discursos transpassam o mero escrito nas reportagens e textos da revista, para tanto, aquele processo instaurado em 1964, busca várias maneiras de questionar um sistema que pode ser transgressor deste poluente ao qual se passa com o golpe. Nota-se que a democracia passou pela censura, quase sempre com golpes midiáticos que buscavam minimizá-la. A democracia vinha pelejando, conquistando seu espaço dentro e fora de campo, mas ainda não se havia o entendimento cabível sobre o tema. A revista coloca isso, retrata estas dúvidas, mas se levamos em conta outras ideias, pode-se dizer que nas entrelinhas queira dizer um outro algo sobre tal processo democrático, de modo a tentar sempre diminuir sua expressão.

Podemos notar que na revista aparecem referências a estas dúvidas, como saber se anarquia é democracia, se tudo aquilo é uma bagunça, sendo que não queriam uma bagunça e sim um caminho mais igual, o que seria então democracia! Democracia não é anarquia, como se reforça, porém, se vê que as indagações na época por parte de muitos era de que aquele processo por si só fosse anarquista, bagunçado, sem ordem, um extrapolo de condições. No fundo isso era buscado como um meio que visava coibir para coagir, iludir para transgredir, tinha em mente a precariedade do processo, queria ferir a democracia, diminuindo-a de formas constantes. Mas este processo começa a ganhar privilégios aos quais a ditadura e seus mentores não tinham como obter tais glórias, e daí se aumenta o poder repressor do estado. A democracia corintiana, pode ser relacionada diretamente ao cotidiano comum das pessoas, pois quando se vê presente referências ao autoritarismo de Vicente Matheus, ou que pode ser apenas uma metáfora do autoritarismo da ditadura e que a democracia corintiana luta contra isso (contra o autoritarismo). Daí é que se nota a proximidade com a realidade a qual vivia naquele momento o país, ou seja, uma dualidade de vivências comuns, com dois projetos em jogo.

O que realmente acontecia e que podemos ver é que não era bem assim, não havia bagunça, havia responsabilidades. Para além disso, a responsabilidade tem que ajudar a formar meios de captação que rompessem com a opressão, pois a partir do momento em que tenho responsabilidades, posso passar a exercê-las em plena função democrática, dando participação e abertura. Essa liberdade (abertura) para

que se possa dizer e compreender o papel do futebol como um (também) agente transformador, mas que depende muito da forma como se trabalha e do comportamento de seus atuantes profissionais, mas também do povo. Muitos tinham medo da democracia, pelo seu alto fator de luta social e principalmente pela sua mentalidade de discussão que não trabalhava com meios infrutíferos, mas sim, buscava trazer e citar os fatos que ali marcavam como o autoritarismo, o paternalismo e o elitismo. O jogador devia se politizar e se conscientizar, deviam ler, estudar, compreender os meios que vivem sem serem manipulados, para que de tal maneira pudessem construir um país melhor e lutar contra as repressões, deixarem de serem alienados. Porém, o governo captou a mensagem de que deve usar desse esporte para jogar ao seu lado, como já citado acima, a mesma dinâmica do “pão e circo” cabe aqui, ludibriando para que se possa manipular de uma maneira mais fácil e sem maiores problemas aos manipuladores.

O problema deste estudo, é realmente mostrar que o futebol (democracia corintiana) enquanto formador de consciência teve importância social e fundamental contribuição, como um agente de propaganda, uma ferramenta publicitária que trabalhava e expunha muito bem seus trabalhos, mesmo sendo drasticamente criticado, bombardeado e golpeado, o processo se seguiu por vários anos e foi vitorioso, isso fica explícito nos periódicos. Muitos meios de comunicação criticavam o processo, muitos atletas faziam o mesmo, porém, sem muito embasamento para suas críticas, pois, a construção como dita, era “coletiva” e respeitava as opiniões e lados, sempre com a maioria e isso reduzia drasticamente as margens para críticas.

Um processo que luta, encontra revídes constantes, ainda mais num período utilizado para reduzir os contras. Quem ou o que se mostrasse indigno de permanecer usufruindo deste regime, não teria então um tratamento diferente que teve a democracia corintiana, pois ela já nasce num período de fortes embates políticos, que por aí vai e busca bater de frente a estes paternos e autoritários meios de repressão da vida, aos quais eram submetidos os seus patriotas. Sabendo que a bola corre mais que o homem, mas que este pode alcançá-la conforme perde velocidade é com estas oportunidades que a democracia corintiana se firmou e soube tocar a bola, num jogo participativo, corroborando nos caminhos do gol.

Este processo de grande repercussão, foi muito bem trabalhado e tratado ao que se nota nesta revista, pelo fato de seus títulos quase que todos reforçarem o papel

democrático e dando tonalidades de apoio ao mesmo. A maioria dos textos faz explicações sobre o tema, mas também expressa opiniões contrárias de outros atletas, porém, isto fica de uma forma bem tímida dentro dos exemplares ali analisados.

Outra exposição que se vê na revista e que segue a forma da opressão se refere aos cartolas. A repressão era tamanha que se eles quisessem impor barreiras ao jogador, conseguiam com simultânea facilidade e os deixavam a mercê do tempo, ao passo que o jogador era muitas vezes tratado como uma pessoa que tinha de fazer para sobreviver e seguir as normas para sobreviver. O medo era constante e isso gerava certos repúdios; vemos essa temática quando diz que sempre vai haver alguém que não queira que se alcance a democracia.

O profissional neste esporte era menosprezado e secundarizado, era uma espécie de “boia-fria”, que mal sabia para onde ia, nem quando voltava, muito menos o que ganharia por seu trabalho e pior, nem sabia se continuaria a trabalhar. As consequências deste assunto, ao passo que notamos a discrepância da maioria dos jogadores e mais ainda dos presidentes dos clubes, em insistir naqueles métodos ditatoriais de controle daquelas vidas humanas que eram os profissionais e jogadores de seus referendados clubes, nota-se que o problema da maior parte dos atletas se baseava naqueles que eram pouco politizados e pouco ainda se preocupavam com seus arredores. A preocupação maior era suposta e imposta, à alusão da conquista, a conquista por mais espaço, mais títulos, porém, política muito pouco houve de participação pela dimensão do todo do processo, somente por um grupo de profissionais.

Mesmo com as incitações do governo em reprimir os processos de luta dentro do futebol e contra aquele regime, se via que poucas forças tinham diante da grande popularidade a qual os ídolos da democracia corintiana foram conquistando. A democracia corintiana fecunda seu processo no gene da luta por igualdade e responsabilidade. A importância daquilo não os deixa pensar somente para aquele espaço, pois a realidade do país infere e se transfere para a realidade do projeto, a partir daí se adentram na luta por “Diretas Já”. Usam do seu *marketing* para estampar em suas camisas a marca da democracia, até elas serem proibidas. Se valem do vasto apoio de sua torcida e principalmente se apoiam em cima de sua fama e conhecimento

para discernirem sem serem tão reprimidos. Isso é um jogo de grandes poderes em disputa, o poder autoritário e o poder libertário.

O clube Corinthians e seus atletas, quando proibidos de expressar opiniões políticas em suas camisas, se atinham a cores que representavam a luta que buscavam e ambicionavam, as cores das Diretas. Sabemos que isso também era outro percalço no caminho do governo e que eles estavam de fato incomodados com o assunto. A partir das diretas e dos comícios como o famoso “dia do fico”, o governo se posterga diante da força que aquele movimento vinha conquistando e que novos modelos podiam se seguir, para isso mais um motivo para aumentar a repressão, mas como reprimir pessoas com tal fama diante da população sem chamar a atenção da sociedade comum, o jogo então se virava contra o regime.

Neste mesmo contexto, começam a aparecer referências de outros clubes. De tal forma que esse movimento que começa no Corinthians vai se espalhando com influência dentro do período abordado. E seguiram tantos outros clubes que se utilizaram de aparatos semelhantes aos da democracia corintiana, menos ou mais, mas vinham embrionados com certas semelhanças de propostas, tais clubes como, Flamengo, Coritiba, Internacional, Vasco. Mesmo sabendo da tamanha preocupação do governo ante esse processo, alguns se aproveitam e passam a utilizar deste slogan, ou por de fato estarem querendo mudar, estarem adquirindo consciência, ou simplesmente por estarem querendo embarcar na fama que o processo adquiriu.

Mas não foram somente clubes a participarem. Muitos jogadores puderam participar naquele meio de produção política que propiciava o futebol. Para além dos conhecidos jogadores do Corinthians, atletas como Pelé posa para fotos com a camisa das diretas e pede diretas, Dada que tem ressalva também nesta luta, Wladimir e um adesivo das Diretas Já; Zico também fala em votar a presidência; Solito à frente pela democracia e pelas diretas; Roberto Dinamite e suas cobranças cheias de entrelinhas, que manda cobrar o governo pelo estado ao qual passa o país. Mas também aparecem na revista outras pessoas, que tem participação mesmo que pouca dentro do futebol, bem como os presidentes de clubes, e pessoas comuns. A exemplo disso os leitores e suas cartas, entrevistas com não atletas, como o pai de Sócrates, que demonstra também a participação dentro do projeto do filho. Os jogadores sabem que tem o direito a participar, mas poucos buscam querer exercer, preferem continuar estagnados.

A valorização dos jogadores, a participação na Seleção Brasileira, só mostrava ao mundo o projeto de liberdade, deixando ainda mais eufórica esta luta. Até mesmo a participação em agremiações e sindicatos dos próprios jogadores é uma ressalva, aquela de que estavam ali para buscarem mudanças não somente dentro do futebol. Percebe-se também o apoio que a campanha democrática teve, e que na revista aparecem as ressalvas, ou seja, incomodava, portanto, sabiam que a partir dela o futebol passaria por mudanças e junto disso o país também.

A marcha para o restabelecimento foi dada a passos curtos e retraídos, e agora corre para concretizar o projeto. Esse projeto visava explicar que a democracia é bem melhor que a ditadura e é papel dos também formadores de opinião pública que são os jogadores. O poder emana do povo e jogador também é povo, a liberdade começa a incitar-se contra a repressão, a luta contra os preconceitos, a valorização do ser humano como jogador profissional, tudo é democracia e ela que está em jogo, além da luta pelo voto unitário.

A respeito disso, muitas foram as tentativas ainda de menosprezar este direito do povo. Diminuir o peso do voto foi uma trama buscada pelo governo, que incitava ser aquilo uma “ditadura das minorias”. Uma delas, foi a própria saída de Travaglini do Corinthians, que foi tratada e difundida pela mídia como um abuso da democracia, outro fato foi também a contratação de Leão, mesmo sabendo que ele não concordava com as ideias dos demais e podia rachar o grupo. A imprensa reacionária sabia valorizar estes fatos para assim poder menosprezar e tentar criar caminhos que não levassem a aquele caminho mais libertário.

O Corinthians foi o clube mais visado politicamente no período e eles sabiam valorizar o que tinham em mente, pois trabalhavam como seres humanos e estavam ali como. Sócrates é quem mais a revista referenda como atleta dentro dela e isso tem certa lógica, já que ele foi quem mais defendeu este processo e foi um propagandista da democracia e das diretas, além de assíduo lutador contra a ditadura.

O Corinthians trazia para dentro de campo uma lição a sociedade, “ganhar ou perder, sempre com democracia” (PLACAR, 1983, p. 06). Pois é ela quem está em jogo, ela deve ser preservada. Mesmo depois das saídas de Sócrates e Casagrande, a democracia tinha de continuar, não se podia dar mais um golpe neste processo. Estas saídas eram tidas por muitos como um finalizador da democracia e vimos que

bagunçou um pouco, a revista trata disso, mas nada melhor que compreender o processo e dizer que não se percebe algo maior para lutar que a democracia criada e praticada pelos gregos, mesmo que a democracia no Corinthians mais tarde tenha acabado e nunca mais voltado (SÓCRATES, GUZZI, 2011, p. 158), o processo ensinou e traçou um caminho que pode e deve ser seguido por todos.

O governo absorve as crises, usa ainda o futebol como um cartão de boas-vindas. Dentre a ascensão e a queda de um ditador, muita coisa aconteceu.

O futebol é uma estrutura extremamente conservadora que tem medo do poder de seus artistas. Isso é natural. Em que estrutura organizada o trabalhador braçal tem mais poder do que o chefe? Só no esporte, só na arte. Então os donos do negócio tentam diminuir seus artistas para que eles não tenham consciência disso. (SÓCRATES, GUZZI, 2011, p. 158)

Isso é natural ainda hoje. Mas na época, foi algo muito diferente, nunca experimentado dentro dos campos de futebol no Brasil. E foi muito importante para entender a luta de classes também, pois o futebol e seus atuantes são símbolos do processo. A luta neste campo foi árdua, teve grandes percalços, mas contribuiu na formação dos seres humanos do país, fez e ajudou muitos a adquirirem meios de se politizarem, pois: “Sem formação, você não tem conhecimento nem capacidade de analisar de forma coerente as informações que recebe. Você não tem noção nenhuma do que acontece com você. Basicamente, é isso que precisa ser revertido.” (SÓCRATES, GUZZI, 2011, p. 159). E para que concretamente pudessem provir a lutarem pela causa mais humana possível.

Lutemos todos contra qualquer forma de repressão, calcemos nossas chuteiras e vamos à luta por nossos direitos, buscando trabalhar os gols do conhecimento e na vibração por ter conquistado o que nos cabe lutar: “liberdade”.

REFERÊNCIAS

PERIÓDICOS

REVISTA PLACAR. Editora Abril. 1982- 1984.

LIVROS

BARBOSA, Marialva. Jornalismo e História: um olhar e duas temporalidades. In: NEVES, Lúcia; MOREL, Marco (org.). **História e Imprensa: homenagem a Barbosa Lima Sobrinho – 100 anos**. Anais do Colóquio. Rio de Janeiro: UERJ/IFCH, 1997.

CENTRO CULTURAL CEARÁ SPORTING CLUB. **Futebol e ditadura- A história de Nando: o primeiro jogador anistiado do Brasil**. Fortaleza: Centro Cultural Ceará Sporting Club, 2011.

FERREIRA, Jorge. DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil Republicano: O tempo da ditadura – regime militar e movimentos sociais em fins do século XX; Livro 4**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FRAGA, Gerson Wasen. **Branco e vermelhos: a guerra civil espanhola através das páginas do jornal correio do povo (1936-1939)**. Porto Alegre: Dissertação de mestrado, 2004.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “perigo vermelho”. O anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001.

REZENDE, Maria José de. **A Ditadura Militar no Brasil: Repressão e Pretensão de Legitimidade: 1964-1984**. Londrina: Eduel, 2013.

SAVENHAGO, Igor. PISTORI, Wolfgang. **Onze: Futebol e Ciências Humanas**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

SOARES, Glaúcio Ary Dillon. D'ARAUJO, Maria Celina. **21 anos de Regime Militar- Balaços e Perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994.

SÓCRATES. GUZZI, Ricardo. **Democracia corintiana- a utopia em jogo**. São Paulo: Boitempo editorial, 2ª edição revista, 2011.

VAINFAS, Ronaldo. FARIA, Sheila de Castro. FERREIRA, Jorge. SANTOS, Georgina dos. **História: volume único**. São Paulo: Saraiva, 2010.